

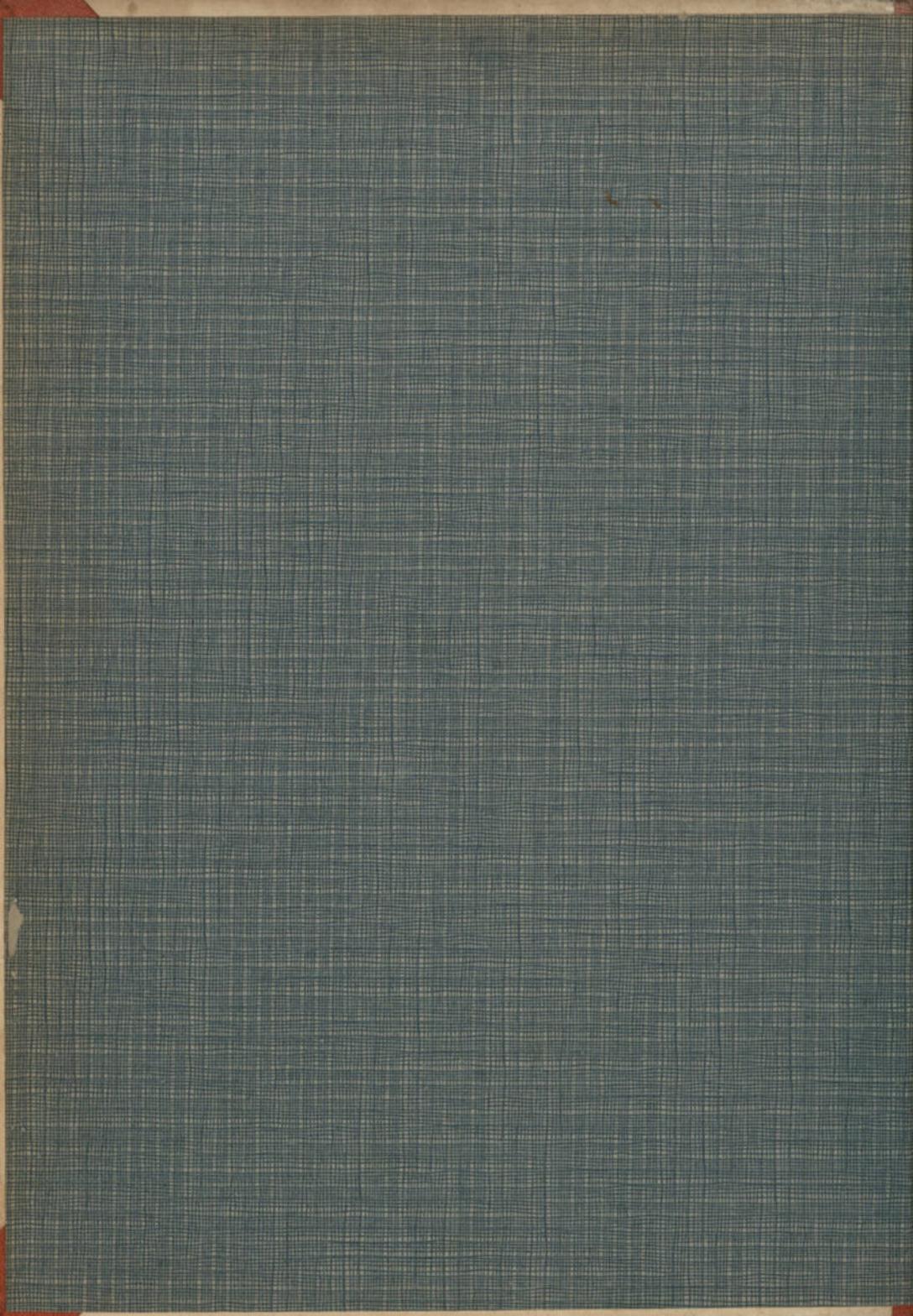
BIBLIOTHECA PARA A INFANCIA

MARIA O'NEILL

PARA LER NAS FERIAS



PARCERIA A.M. PEREIRA LIVRARIA EDITORA



Lo

5-5-93

Deu entrada em 17
de Janeiro de 1914

Registrado a fl. do livro n.º 14

n.º 509

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

R. P. L.
509

PARA LÊR NAS FÉRIAS

*** TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA ***
** RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
**** LISBOA ****

BIBLIOTECA PARA A INFANCIA

POR

MARIA O'NEILL

N.º 21398

PARA LÊR NAS FÉRIAS

CONTOS



1913

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

INDUSTRIA PAPEL Y BREVES

MEXICO, D.F.

21888

PARA VER MAS FERIAS



CONTOS

21888

INDUSTRIA PAPEL Y BREVES

MEXICO, D.F.

INDUSTRIA PAPEL Y BREVES

MEXICO, D.F.

A DESOBEDENTE

Mariana tinha oito anos e já sabia lêr muito bem. Era, além de inteligente, estudiosa, e punha o maior cuidado e atenção em aprender quanto lhe ensinavam. Mas tinha um grande defeito: queria governar-se pela sua cabeça. E, segundo afirmava nos seus momentos de franqueza, obedecer era a cousa mais desagradável que conhecia.

O pai, que era muito amigo dela, procurava convêncê-la da necessidade que todos temos, pequenos e grandes, de obedecer aos nossos superiores. Ela sorria incrédula e, imitando um palhaço que vira no *Coliseu dos Recreios*, gritava num tom muito desafinado:

— Viva a independência!

O pai não podia resistir ao riso e acabava o sermão; mas a mãe contraía as sobrancelhas em sinal de desgosto e dizia para o marido:

— Não sei como podes rir, Ildefonso. O feito desta criança ha de dar-nos sérios desgostos.

— E's uma pèssimista, respondia rindo o pai de Mariana.



Mariana

E, pedindo o chapéu e a bengala, despedia-se da mulher, beijava a filha e ia flunar pelas ruas da Baixa em companhia dos amigos, enquanto a mãe, mal umorada, curvava a cabeça sôbre a costura e se quedava longas horas silenciosa.

Então a pequena Mariana discorria assim :

— O meu paizinho é que é mais meu amigo : não ralha nunca, e acha-me graça. Mas a mãe! . . . Passa horas e horas sem dizer nada e ralha-me por qualquer coisa . . .

Como a maioria das pessôas, Mariana, em vez de reparar que eram os seus actos que mereciam censura, achava que a mãe é que era injustamente severa.

D. Amália — era o nome da mãe de Mariana — percebeu os pensamentos que se agitavam no espírito da filha e, chamando-a brandamente para junto de si, disse-lhe com meiguice e tristeza.

— Não julgues que eu sou menos tua amiga do que o pai, Mariana; o reprender-te é uma prova do muito affecto que te tenho. Tu és muito pequenina, não percebes isto por ora; mas, mais tarde, has de agradecer-me.

E Marianinha, de olhos baixos, envergonhada por ter sido adivinhada, retorcia entre os dedos a ponta do bibe, dizendo de si para si, como uma menina malcriada e ignorante :

— Espera por isso! Hei de mesmo agradecer aquilo de que não gosto! . . . Só se eu fôsse tola!

No dia seguinte, vieram as primas de Mariana busca-la para irem dar um passeio. O pai, antes de sairem, deu-lhe cinco tostões para comprar bolos para ela e para as primas. A mãe acompanhou-as á escada e recomendou :

— Não comprem tremoços

— Esteja socegada, tia, não compramos, respondeu Ernestina, a mais velha das primas.

Mariana, ouvindo esta afirmação, não retorquiu cousa alguma; mas, ao chegar á rua, disse a sua prima, com modo altivo e sobranceiro :



— Não sei como podes rir, Ildefonso! (pag. 6)

— Olha lá: ç com que direito respondes tu pelos outros?

— ç Pelos outros?! perguntou Ernestina, admirada.

— Sim, pelos outros, voltou Mariana. Não prometeste á mãezinha que eu não compraria tremoços?

— Sim, a tia disse que não queria...

— Pois fizeste mal. E a prova é que vou já comprá-los, ali no lugar.

— Mas a tia não quer . . .

— Isso agora não vem para aqui; o que vem, é que tu não estás de modo algum no caso de responder por mim porque eu só obedeço a quem quero.

A criada das primas julgou prudente intervir.

— Então, menina Marianinha, isso não é bonito. As meninas devem ser amigas e não andarem ás brigas.

— Eu sou para os outros o mesmo que êles são para mim; ¿quem mandou esta lambisgoia dar-me sentenças?

— Olha que, se me chamas lambisgoia faço queixa ao tio.

— ; Ai que susto! morro de mêdo! disse Mariana, soltando uma gargalhada.

E, deitando a correr, parou á porta do lugar e pediu:

— Quatro centavos de tremoços.

— O' menina, isso é muito! exclamou aflita a criada das primas.

Então, com modo gaiato, Mariana perguntou-lhe:

— ¿Tu não gostas? ¿Ou imaginas que, por eu estar proibida de os comer, tambem vocês estão?

— Lá isso não, volveu risonha a criada, eu gosto muito dêles, e não me fazem mal.

— Nem a mim, disse Claudina, cujos olhos brilhavam de cobiça.

— Pois eu não quero, disse Ernestina amuada.

— Tambem tens razão, volveu-lhe rindo Mariana.

Foste a única que fizeste promessas de não comprar tremoços; por isso tos não ofereço.

— Os bons propósitos devem cumprir-se, afirmou a criada rindo.

Ernestina, vendo comer as outras, disse:

— Mas a minha mamã não me proibiu de comer tremoços... A tua é que...

— Vá lá, disse Mariana, eu sou bôa rapariga e passo-te por esta com a condição de não ires tôlamente dar parte em casa de que comi tremoços. A mamã tem a mania de que me fazem mal: é preciso respeitar-lhe as catureiras e... fazer a minha vontade.

— Eu não sei, disse a criada com a bôca cheia de tremoços, como a menina se atreve assim a desobedecer á sua mãezinha que é uma senhora tão bôa.

— Se não sabes, é porque és tôla. Diz o tio padre que, se a experiência dos pais servisse para os filhos, toda a gente no mundo tinha juizo.

— Lá isso é verdade, concordou a criada, vencida pelo argumento.

— Agora o que eu não percebo, e talvez tu saibas, é para que os pais teimam em querer impingir aos filhos o saber da sua experiência, quando por sua vez não quizeram aproveitar a dos pais dêles.

--; Tu sempre discorres cada coisa com oito anos que eu com os meus doze nunca pensei! observou Ernestina com admiração.

— E' natural... Eu sou muito mais esperta do que tu.

Entretanto a criada reflectia no comentário de Mariana e acabou por lhe dizer:

— A resposta ao que a menina pergunta não é difficil.

— Então dize lá.

— E' que, vendo os pais como lhes foi prejudicial não escutarem os conselhos que os mais avisados lhes deram, querem influir nos filhos para que elles tenham melhor sorte.

— Deve ser isso. Mas deviam estar convencidos, em vista do que diz o tio padre, de que é perder tempo sem proveito.

— ; Tu comes os tremoços com casca? perguntou Claudina com pasmo a Mariana.

— Pudéra! A casca ainda é melhor do que o tremoço.

Emquanto assim conversavam, tinham entrado na Tapada da Ajuda e chegado á fonte que está situada a meio caminho da calçada, que fica á direita de quem entra pelo portão de baixo. Pousando os lábios na verde folha de piteira que estava metida na bica, Mariana bebeu a largos sorvos.

— Isso faz-te mal, Marianinha...

— Deixa fazer que é por minha conta. Não é por teres mais quatro anos que te admito sentenças.

— A menina Ernestina faz mal em dizer nada a sua prima. Ela capricha em não fazer caso do que se lhe diz...

A poucos passos, em cima duma carreta de calce-

teiro, junto da qual se amontoavam grandes maços de madeira, pás, enxadas, e outros utensílios próprios para compôr calçadas, estava uma grande e grossa corda de esparto.

Marianinha soltou, vendo-a, um grito de alegria.

— Que é? perguntaram as primas.

— Um achado magnífico.

E, voltando-se para a criada, ordenou, apontando-lhe um banco de madeira que ficava próximo.

— Sente-se ali, Hermínia; nós vamos brincar aqui.

E, dirigindo-se para a carreta, disse a Claudina:

— Ajuda-me tu a pegar na corda.

— O' menina, isso não, pediu a criada: pódem vir os homens e zangar-se de lhes andarem a mexer nas cousas.

As primas, a esta razão de Hermínia, pararam; mas Marianinha, continuando a puxar pela corda, troçou-as.

— Vocês são realmente umas meninas exemplares! Até a criada lhes dá ordens! Que amôres de crianças!

Claudina, mais travêssa, não resistiu á censura, e dentro em pouco Ernestina, arrastada pelo exemplo, correu também a auxilia-las a tirar a corda.

A criada, contrariada, resmungava:

— Hei de dizer á senhora que a menina é uma péssima companheira para as suas primas: torna-as más, desobedientes. . .

— Perversas! ajuntou Mariana rindo. Olha, dize-lhe

também que tenho artes para levar as criadas a comer os tremoços que me proíbem de comprar.

E deu uma gargalhada tão cheia de troça e maldade, que Hermínia calou-se como por encanto.

— ;Vêm vocês a vantagem de ter feito comer os tremoços á Hermínia? Está mansa como um bor-rêgo. Não que, se ela falar, também eu falo!

— ;Tu não és rapariga, és o diabo!

— O tio padre diz que eu sou o diabo de saias... talvez tenha razão.

— ;Mas para que queres tu a corda? Ainda não percebi.

— Pois não é difícil : para fazer um belo balouço. Vocês agora passam-me a corda á cintura, eu trepo áquela árvore e ato-a bem, lá em cima, a dois ramos dos mais grossos ; depois balouçamo-nos de pé na corda. Passa-se-lhe em baixo um troncozinho, para dar largura, e vamos duas em pé de cada vez ; isto é, eu vou sempre para fazer ir alto o balouço.

Aceite o programa, rápidamente foi posto em prática. Mariana, marinhando como um gato, prendeu a corda, e, instantes depois, Hermínia gritava aflita :

— ;Tão alto não! As meninas partem a cabeça! Eu não dou nada por que a corda, atada pela Maria-ninha, tenha firmeza...

E, quanto mais a criada gritava, mais Mariana e Claudina, insubordinada por ela, davam ao balouço fundo impulso. Por fim, os gritos da criada foram secundados por todos : a corda desatara-se dum lado

e, enquanto Mariana conseguia agarrar-se ao outro com unhas e dentes, Claudina, menos enérgica e desembaraçada, era projectada a distância e, caindo, abria a cabeça numa pedra.

A criada correu a erguê-la aflitíssima e, á vista do sangue que lhe corria da ferida, ela e Ernestina fizeram tal espalhafato, que Claudina quasi desmaiou de terror. Mariana deixou-se escorregar ao longo da corda e, chegando ao chão, molhou o lenço na fonte e disse á prima que a criada amparava :

— Isso dóe, mas não vale nada. Deixa lavar.

Como não sabiam melhor, a ferida foi lavada, e depois puzeram o lenço de Ernestina, que felizmente ainda não servira, a fazer de parche e ataram-lho sobre a ferida com a fita de setim branco com que Mariana prendia a trança. Terminado o curativo, Hermínia disse a Mariana com modo desabrido :

— Ora veja agora se tem juizo e se não vem com mais alguma idea que nos dê triste resultado. Bem basta o que eu vou ouvir ralhar por causa de isto.

— Não te amofines, disse-lhe Marianinha com um sorriso amarelo, a culpa não foi tua.

— Isso não impede que eu oiça ralhar.

Mariana curvou-se de novo sobre a bica e bebeu mais agua. Quando terminou, disse :

— Os tremoços fizeram-me sêde. Não ha água que me farte.

— ¿ Eu não to dizia? observou-lhe Ernestina, não sem certa satisfação.

— ; A que vamos brincar ?

— Sentem-se e descansem um bocadinho que eu conto-lhes uma história.

— ; Historias na rua ! Isso é uma estupidez ! ; Ouvir histórias na tapada e correr e pular em casa ? ; Olhem que idea !

— ; Então que havemos de fazer ?

— Uma brincadeira que não faz mal e tem graça. Eu meto-me naquela carreta : a Ernestina, que é mais velha, faz de cavalo e puxa, e tu és o trintanário, recibes as minhas ordens, e tomas conta do cavalo quando eu me apeiar em qualquer parte.

— Isso é má brincadeira. A carreta é pesada e a menina Ernestina é muito fraca.

— ; Fraca, eu ! disse Ernestina, ferida na sua vaidade. Não sou tal. Olha, continuou, voltando-se para Mariãa, o cavalo chama-se *Terrivel* : é o nome do que ganhou as corridas o ano passado.

— Pois sim, concordou Mariãa : a Claudina é o João e eu sou o senhor marquês da Pena de Oiro.

A criada observou-lhe sorrindo :

— O' senhor marquês, parece-me que, como o cavalo é desinquieto e ainda não está habitua lo a puxar o carro, que é muito pesado para êle, seria prudente, já que teima em o atrelar, não se meter nêle senão nas subidas : não vá o carro atropelar o cavalo.

— Não ha perigo. O cavalo vai atrás e anda-se de-
vagar . . .

A primeira volta foi dada com prudência. Na se-

gunda, o cavalo sentia-se mais fioso e desinquieto, ameaçando morder o trintanário, quando o marquês se apeou para ir visitar uma senhora das suas relações. E na terceira volta, esquecendo as admoestações do marquês e os conselhos de Hermínia, o cavalo tomou o freio nos dentes, desatando numa corrida louca. O marquês queria moderar-lhe o andamento, mas não era possível porque o cavalo vinha atrás e, apesar dos esforços dêle e do trintanário, tentando ambos sustar o veículo, nada conseguiram, sendo arrastados pelo carro contra o seu querer.

Então o trintanário lembrou ao cavalo :

— Deixemos o carro: talvez êle pare.

E, sem reflectirem, foi dito e feito.

O carro então aumentou de velocidade. O pobre marquês pedia socôrro e ninguém lhe acudia. Por fim, por uma diferença de nível resvalou para a valeta, lançando ao chão o pobre marquês que, indo bater no grosso tronco dum carvalho, ficou com uma perna e um braço em muito mau estado.

Então o trintanário e o cavalo vieram ajuda-lo a levantar-se, e o primeiro perguntava com cerimonioso respeito :

— ; O senhor marquês fez-se mal ?

E o cavalo relinchava desinquieto.

Então Mariana, apoiando-se ao tronco da árvore, erguia-se cheia de cólera, bradando enfurecida :

— ; Qual marquês, nem qual diabo ! Agora é que ha de ser bonito ! Não posso andar . . . Vocês, com a

estupidez de largarem o carro, por um triz que me não partiram a perna!

Claudina retorquiu sem dó:

— É bem feito: tu só é que és marquês... quiz trocar contigo, não quizeste... Os outros só te servem para cavalos e trintanários...

E tudo isto era dito com grande verbosidade e com os olhos inundados de lágrimas prestes a saltarem-se-lhe pelas faces.

Então Mariana, apesar das dôres que sentia, de-satou a rir:

— ¿Então eu é que caio e tu é que choras?

E mostrando-lhes a perna ensanguentada e o braço todo pisado, afirmou-lhes:

— ¿Vêem vocês os contras de ser marquês da Pena de Oiro? Por um triz me não fizeram em fani-cos! Vá, façam uma padiola, ou melhor, uma cadeirinha com as mãos para levarem o pobre marquês a lavar a sua ferida na fonte.

As primas, condoídas, acederam e trouxeram-na de cadeirinha para cima.

Hermínia, muito contrariada, lavou-lhe e cuidou-lhe a perna, e todos verificaram com mágua que a travêssa Marianinha não podia andar sem um grande esforço.

Bebeu mais água e afirmou de novo:

— ¡Que sede! Julgo que nem bebendo toda a água da fonte ficaria satisfeita!

— Não estará bem do estômago, aventou a criada.

— ¡Qual! Estou optimamente.

Nisto, voltaram os operários para pegar no trabalho e ficaram muito pasmados de não vêrem a carreta nem a corda.



... voltaram os operários...

Hermínia pediu-lhes desculpa, dizendo que as meninas eram desobedientes e mostrando-se muito contrariada de que mexessem no que lhes não pertencia. Um dêles disse amavelmente que não fazia mal e, subindo àgilmente á árvore, desatou a corda.

Um outro, mais malcriado, desceu em procura da carreta, resmungando :

— Quem tem crianças assim não as traz para os passeios ; fecha-as em casa. Os outros não têm obrigação de lhes aturar as partidas.

Um momento depois, quando Hermínia e as meninas já pensavam em se retirar em vista da impossibilidade de Mariana poder associar-se aos seus jogos, o homem voltou furioso. A carreta, batendo com a roda de encontro ao tronco da árvore, partira o eixo. Tinham de lhe pagar o concôrto : não saíam dali sem isso.

Felizmente, como só haviam comprado os tremoços, ainda tinham os trinta e quatro centavos que êle exigia para concôrto do carro. Marianinha pagou, bebeu mais água e, amparando-se dum lado ao braço de Hermínia e do outro ao de Ernestina, alcançou a rua onde passavam os eléctricos, com muitas dôres na sua perna e grande custo. Meteram-se no carro e regressaram a casa de Marianinha. Hermínia ia muito apoquentada. Mariana consolava-a :

— ; Deixa lá ! A mamã não se zanga. Em eu lhe dizendo que a culpa foi minha, é quanto basta.

Mas nem as primas nem Hermínia se sentiam socegadas com esta afirmação.

D. Amália, vendo a filha chegar naquêlo estado não disse nada a Hermínia por ela não ser sua criada ; mas censurou-se por ter deixado sair a filha sem ela, e declarou que escusavam de lhe tornar a pedir a

companhia da filha porque não tornaria a cometer a insensatez de a confiar a ninguê. Não queria ter a desgraça de ficar sem o seu anjo adorado, etc.

As sobrinhas e a criada, logo que ela fez uma pausa nas suas lamentações, despediram-se e retiraram-se vexadas, e jurando nunca mais irem buscar Mariana.

Esta sentara-se amuada a um canto da casa e ali adormeceria se a mãe lhe não perguntasse:

— ¿ Então não te vais despir ?

— Custa-me a andar e dóe-me muito a cabeça . . .

Tenho sêde . . .

A sr.^a D. Amália auxiliou a filha a erguer-se, e depois foi ela própria dar-lhe água e despi-la.

Como ela se queixasse de novo de dôres de cabeça, apalpou-lhe a testa e, sentindo-a a escaldar, meteu-a na cama. Vendo o seu estado, não se atreveu a dar-lhe de jantar e, á noite, como a febre aumentasse, mandou chamar o médico.

O Dr. Xavier, grande amigo da família ha muitos anos, e de Mariana desde que ela nascera, examinou-a com cuidado e, pedindo uma colher para lhe vêr a garganta, fez um imperceptível sinal a D. Amália para que o deixassem só com a filha.

A mãe de Mariana saíu, como para ir ela própria buscar a colher, e o médico perguntou-lhe :

— ¿ Que comêste tu ?

— Nada.

— Não mintas. Dize-me o que comêste que eu prometo guardar segrêdo.

— ; Palavra? perguntou ela receosa, pegando-lhe na grande mão.

— Palavra. ; Estás com imensa febre! ; Que comêste?



— ; Que comêste tu? (pag. 20)

— Tremoços com casca e bebi água, muita água ; depois subi muito alto no balouço, e como realmente me não faz bem, fiquei com a cabeça azamboada . . . Depois caí do carro e isso é que foi pior: tenho o corpo que o não sinto.

— Acredito-te.

E, voltando-se para D. Amália, que entrava com a colher pedida, o doutor informou :

— Havendo cuidado, não é caso de gravidade: um pouco de sol, complicado com um incómodo gástrico. . .

— Mas ela não comeu nada que. . .

— Bem sei, bem sei, apressou-se a concordar o doutor; mas hoje não come nada e amanhã toma um purgante e não sai do quarto. Eu venho quando forem tres horas.

E despediu-se ternamente de Mariana.

A doente passou uma noite agitadíssima, cheia de pesadêlos, parecendo-lhe que a todo o momento estalava a corda do balouço e caía por terra, ou, dentro do carro, ia esbarrar de encontro á árvore. O suor colava-lhe o cabelo ás fontes, atirava fóra a roupa da cama, e pedia constantemente :

— ¡Água, mais água!

A mãe levou toda a noite a pé, chorando e mal-dizendo o momento em que deixara a filha saír com as primas.

De manhã, Marianinha tomou o purgante que o médico receitara, e no dia seguinte, já melhor, teve licença para se assentar na cama e brincar com as bonecas.

Ernestina foi vê-la com sua mãe.

Quando D. Amália e sua irmã saíram do quarto, deixando-as a jogar o assalto, Ernestina disse baixo a Mariana :

— ; Então tinha, ou não tinha razão a tia, quando não queria que tu comêsses tremoços?

Mariana concordou:

— Tinha, mas não me convencia, Ernestina. Olha, custa a confessar, mas é verdade: as raparigas teimo-



A doente passou uma noite agitadaíssima... (pag. 22)

sas, como eu, só aprendem á sua custa, mas o que aprendem nunca mais o esquecem. Eu não sei o que me fez pior. O que te garanto é que nunca mais cómo tremoços, nem ando no balouço, nem quero ser mar-
quês da Pena de Oiro, por mais que para isso instem comigo.

Realmente, passados tres mezes, estando a banhos em Cascais, D. Amália passava as tardes na praia com a irmã, a filha e as sobrinhas.

Ernestina e Claudina andavam no balouço e Mariana fazia castelos na areia.



... estando a banhos em Cascais...

Tendo pena da filha, D. Amália disse-lhe em tom de quem fazia uma grande concessão:

— Se queres, Mariana, dá uma voltinha no balouço.

— Muito obrigada, mamã, não gosto do que me faz mal.

— ¡Esta criança sempre tem um juizo! exclamou envaidecida D. Amália.

Ernestina e a irmã riam á socapa e murmuravam ao ouvido da prima :

— ; Tu não esqueceste a lição da tapada ?

— ; Isso esqueceu ela ! ; Vocês não têm ouvido o tio padre dizer que o que arde cura ?

— Temos.

— Pois, meninas, é o mesmo que acontece a quem aprende á sua custa : o preço da lição nunca lhe esquece.

Ernestina comentou rindo :

— É por isso que ela serve.

— ; De que ris tu ? perguntou D. Amália.

— Do juízo da Mariana.

— Pois, em vez de rir, devias imita-lo e não andar tanto no balouço que te não faz bem . . .

O riso tornou-se convulsivo na pequenada e D. Amália e a irmã olhavam-se interrogadoramente, quando Marianinha afirmou entre gargalhadas :

— ; Deixe-a apanhar uma indigestão de balouço, minha tia. Não ha como isso para não querer mais ! É o meu caso.

E, realmente, Mariana, vendo os contras da desobediência, preferiu não aprender mais á sua custa para não ter de que se emendar.



A PITEIRA

Perguntou Maria á mestra,
Vendo uma planta nascida :
— ¿ Como aparece isto aqui ?
¿ Quem a trouxe, ou lhe deu vida ?

— ¿ Trazê-la ? Talvez o vento,
Qualquer animal ou ave,
Lançou no vaso a semente
De que nasceu esta agave.

«A terra deu-lhe, propícia,
«Calor, humidade e ar,
«Sem os quais nunca a semente
«Pode vir a germinar.

«Se enterrar qualquer grãozito
«A muita profundidade,
«A planta não nascerá,
«Falta de ar e de humidade.



Piteiras

«As plantas são sêres vivos:
«Têm o seu corpo também
«Com pulmões, veias e sangue
«Como um sêr animal tem.

«Se tirar da terra a planta
¿ Que vê primeiro? — A raiz.
— A' raiz segue-se o caule. . .
— ¿ E das folhas que me diz?»

— As folhas são os pulmões.
Por elas respira a planta. . .
— ¿ Uma planta a respirar!
Essa idea é que me espanta.

— Tudo que vive respira
Na terra, n'água ou no ar.
— ¿ Então os peixes no tanque
Tambêm podem respirar?

— Tambêm. Mas, voltando ás plantas:
O sangue delas é seiva,
Que anima, não só as árvores
Como as ervinhas da leiva.

«As veias são os seus vasos. . .
— Conte-me antes da piteira,
Visto vir brotar aqui
D'esta inesp'rada maneira.

— É arbusto americano,
Chega a vinte anos de idade,
Atinge mais de dois metros
E tem muita utilidade.

«Da agave fazem-se cordas,
«Esteiras grossas, tecidos,
«E co'a medula das fôlhas
«Podem ser substituidos



Maria

«Cortiça, vime e cordel.
«A cada agave se corta
«Muita folha em cada ano
«Sem p'rigo de a deixar morta.

• «Da seiva fazem no México
«Uma alcoólica bebida,
«Que é pelo nome de *pulca*
«Vulgarmente conhecida.

«Faz-se também um xaropè,
«Simples e muito eficaz,
«Que cura a tosse convulsa
«Mais profunda e pertinaz.

«Desabrocha em florescências
«Uma vez em toda a vida,
«E morre logo que deixa
«Meio de ser reproduzida.

«Quer nos plainos d'alêM Tejo,
«Na Extremadura ou no Minho,
«Verá sebes de piteiras,
«Ornamentando o caminho.

«Defensoras primitivas,
«Mas que fazem muito mal,
«São as muralhas dos pobres
«Nas terras de Portugal.



⑥ mundo é cheio de ingratos!

Artur tinha oito anos e sua irmã Josefa cinco.

Artur começou a ir á escola e a estudar as lições com afinco. Josefa também queria ir, mas o médico não deixava porque ela era muito fraquinha e estava quasi sempre doente.

O irmão dava-se ares de sábio e Josefa ficava desolada de o não entender.

Então, nos dias em que o primo Sebastião ia lá jantar, o desespero da pequerrucha subia de ponto.

Êles, de propósito para a fazerem arreliar, procuravam falar de fórma que ela os não entendesse.

Assim arranjaram um modo especial de se exprimirem. Querendo dizer, por exemplo, «tu és tolo» diziam: «mereces um adjectivo forte.»

Josefa, raivosa de os não entender, dirigiu-se chorando para o quarto da mãe, e sentou-se no chão a um canto.

A senhora D. Gertrudes lia a receita dum dôce que queria mandar fazer para o jantar e não reparou na filha. Ela então, vendo que o seu desgosto passava despercebido, murmurou timidamente:



Artur estudava com afincio

— ¿ O' mamã, o que é adjectivo ?

— E' o nome duma qualidade ou defeito que se attribue a qualquer pessôa ou coisa. Por exemplo: a Josefa é *bôa*, o vestido é *feio*, o Sebastião é *mau*.

¿ Percebêste ?

— Percebi. ¿ E o que é um adjectivo forte ?

A mãe olhou-a admirada e perguntou :

— ; Onde ouviste dizer isso ?

— Dizia o mano ao Sebastião : *tu mereces um adjetivo forte.*

D. Gertrudes sorriu e explicou :

— Queria dizer que seria bem feito chamar-lhe *estúpido*, ou *bruto*, ou *preguiçoso*. Adjectivos fortes não ha : tanto podia chamar-lhe fortes, como fracos ou desagradaveis : depende tudo da intenção que se der á palavra.

Josefa, com os olhos muito abertos, escutou com funda atenção as palavras da mãe e, enxugando os olhos, foi, satisfeita, juntar-se ás brincadeiras do primo e do irmão.

Êles tinham um carrinho de madeira com varais para uma pessôa puxar. Josefa propôs-lhes :

— Eu vou passear no carro e vocês puxam-me.

— Não, disse Artur, eu não sou cavalo.

— ; E se eu te desse dois centavos ?

— ; Nem que me desses cincoenta !

— ; Sempre és muito orgulhoso !

— Por dinheiro não puxo ; mas se me deres o teu cãozinho branco . . .

— Pois sim, mas has de dar quatro voltas á roda do jardim.

— Eu sou o cocheiro, propôs Sebastião.

Josefa subiu para o carro e Artur partiu a toda a brida, enquanto Sebastião, ao lado, fingindo galopar nas próprias pernas, dava estalos no ar com o chicote.

Terminadas as quatro voltas, Josefa apeou-se e foi a casa buscar o prêço das corridas.

Um instante depois, voltou, trazendo na mão um cromo representando um cãozinho branco.



O primo Sebastião

— Não foi isso o que eu ajustei: é o cão com pêlo que te deu a avó.

Josefa ria-se em silêncio.

O irmão, furo de raiva, gritou:

— Vais ou não vais buscar-me o cão?

Ela respondeu brandamente:

— Esse cão é branco e é meu. Foi nêle que eu

pensei, quando me pediste o preço das corridas : não te julgava capaz de queres merecer um adjectivo forte.

— ; Um adjectivo forte ! disse Artur, contente de a poder arreliar. Tu atiras com as palavras como se fôsse pedras ! ; Sabes lá o que é um adjectivo !

— Sei que nem só *tolo, parvo, bruto, belo*, etc., são adjectivos. Cubiçoso também o é, e ser cubiçoso é muito feio.

E voltou-lhes as costas, deixando-os espantados com o seu saber.

— ; Quem lhe explicaria o que é adjectivo ? perguntou Artur ao primo.

— Foi decerto a tia, ; pois quem havia de ser ?

— Vamos perguntar-lho.

E correram a ter com D. Gertrudes ; mas esta, muito preocupada com o seu dôce, disse-lhes com mau umor :

— Deixem-me, que este trabalho requer toda a atenção . . . deixem-me.

— ; A tia não foi ! exclamou Sebastião convencido.

E, chamando a prima, pediu-lhe amavelmente :

— Dize-me cá, Zéfinha, ; quem te ensinou o que era adjectivo ?

— Vocês.

— ; Nós ? ! exclamou Artur admirado.

E, com a firme certeza de lhe não terem explicado cousa alguma, ajuntou :

— Nós, não.

— Pois, meu caro menino, respondeu-lhe Josefa, quando não quizer que os outros saibam uma cousa, não lhes faça curiosidade com ela. Garanto-lhe que sei o que é adjectivo e que nunca mais o esquecerei.

E ajuntou trocista :

— Esta sciência devo-a apenas a vocês quererem fazer segrêdo de mim, o que não é nem bom nem bonito.

— Ela tem razão, concordou o primo. Nós também não havíamos de gostar que ela nos fizesse o mesmo.

— ¡ Ora aí está! disse Josefa satisfeita. Vou dar-te o meu cão branco, para mostrar ao Artur que não sou egoista. A elle não lh'o dei, porque, além de me vexar constantemente com o que sabe, quis especular comigo, aproveitando-se da vontade que eu tinha de passear. Tu não te rebaixaste a ser cavalo, mas tens melhor coração.

Artur achou tantã razão a sua irmã que nunca mais a vexou com o seu saber. Mas, quando mais tarde ela lutava com o estudo da gramática a que tinha horror, elle dizia-lhe gabando-se :

— Anda lá, anda, que me deves o saberes o adjectivo. Se não fôsse eu, quando te chamassem *estúpida* ou *formosa*, ainda hoje ignoravas o que era um adjectivo qualificativo. ¡ E dizes que eu sou mau ! ¡ E o Sebastião é que teve o cão branco ! ¡ O mundo é cheio de ingratos !

UM BANHO INESPERADO

— Venham vêr comer os cisnes,
Grita Firmina aos irmãos.
E, vendo que se não movem,
Faz muita bulha co'as mãos.

Então ambos, lentamente,
Como dois homens pequenos,
Encaminham-se p'ra o tanque.
Os cisnes vogam serenos,

Deslisando majestosos
Com o pescoço arqueado,
Contentes de vêr nas águas
O seu vulto projectado.

Firmina deita-lhes milho
E migalhinhas de pão.
— Não te chegues tanto à borda,
Diz-lhe, prudente, um irmão.

— Vou mirar a minha imagem
Como o cisne mira a sua,
Como agora o sol se mira
E se mira á noite a lua.



Inclinou-se para a frente...

E sobe á borda do tanque,
Que é pedra escorregadia,
No empenho de contemplar-se
No 'spelho que a reflectia.

Inclinou-se para a frente . . .
O equilíbrio perdeu
E, soltando um grande grito,
Nas águas desapar'ceu.

Lançam-se ao tanque os irmãos:
Mergulham n'água lodosa
E conseguem agarrar
Pelo vestido a teimosa.

Mal se viu dentro de casa,
Em vez de ir falar á mãe,
Correu depressa a despir-se
Antes que a visse ninguêm.

Foi ter com seu velho avô,
Pedindo-lhe com meiguice :
— ¿ Deixas-me ir para o teu colo ?
— ¿ Fizeste alguma tolice ?

— Fiz. A mãe não tarda aí.
« Põe-me ao colo ou dá-me a mão. »
O velho pega-lhe e diz :
— ¿ E terá muita razão ?

— Alguma, avôzinho, alguma.
« Tanto n'água me quiz vêr
« Que, se não fôssem os manos,
« Não me tornavas a ter

«Sentadinha no teu colo.
«Cheguei a casa num pinto.
«Os manos tambem, coitados!
«Tu bem sabes que não minto.

«Foi tudo por culpa minha :
«Que lhe hei de agora fazer ?
— Nada, filha, . . . ter juizo
E nunca a lição 'squecer.

Nisto, a voz de dona Berta
Pergunta: — ¿ Posso entrar, pai ?
— Podes sim, mas a pequena
D'aqui p'ra fóra não vai.

«Acaba de confessar-se.
«Perdoar-lhe é um dever.
«Lembra-te que por um triz
«A não tornámos a ver.

«Eu pago o fato estragado . . .
«Darei prémios aos rapazes . . .
«Para me ser agradavel
«Vaes fazer com ela as pazes.

«Convida gente a jantar.
«Á noite haverá função.
«Quero alegrar-me: é bem justo
«Depois de tal áflicção.

— ¡ Mas, se o meu pai nada soube !...
— Porém de o ouvir contar
Senti tal dôr de a perder
Que a preciso vêr folgar.

Saíu a mãe amuada,
Mas sem nada responder.
Diz a pequena ao avô :
— E' muito bom não morrer

« Mas ter um avô assim
« É melhor, muito melhor.
« Torna bem o mal que os mais
« Costumam tornar pior. »



O dicionário

— ; Não me perguntes nada! gritava furioso Manuel Chacim á sobrinha. Eu não quiz estudar para não me aborrecer, e tu estás constantemente a perguntar-me tudo. ; Não sei! não sei! não sei! Deixa-me em paz.

Etelvina afastava-se lacrimosa e dizia consigo:

— ; Como hei de eu aprender, se ninguê me quer ensinar?

Manuel Chacim não era mau. Era muito ignorante e extremamente presumido e vaidoso. Enfurecia-se por isso sempre que tinha de confessar a sua ignorância. Desta vez, porém, vendo a sobrinha conter a custo as lágrimas, ficou zangado consigo, porque a estimava muito, e, pegando no chapéu e na bengala, saiu pela porta fora, resmungando:

— Isto não pode continuar assim. E' preciso pô-lhe um termo.

E, conversando consigo, tomou o caminho da livraria Pereira, na rua Augusta. E dizia:

— Eu sei que ha um livro que diz tudo; mas o nome dêle é que eu não sei.

E, tirando o lenço do bôlso, limpava o rosto encharcado em suor, continuando o seu monólogo :



Tio e sobrinha

— ; Um homem, quando não sabe as cousas, sempre passa por cada vergonha! ; Como diabo ; se chama o tal livro? Êle é a modos acabado em ário... ; Será eventário?... breviário?... elucidário?... Sim... parece-me que é isto: elucidário.

Entrando na loja, perguntou :

— ; Os senhores terão por aqui um elucidário?

Os empregados trocaram um olhar entre si e um dêles indagou:

— O *Elucidário* de Viterbo?

— Eu não sei de quem êle é, nem me importa. Quero um dêstes livros que explicam o sentido das palavras. . . um breviário.

— Isso é outro género de livro, respondeu-lhe o empregado, contendo a custo o riso. O que o senhor quer é um dicionário.

— Isso mesmo. . . E' isso mesmo.

Contente de terem entendido o que êle queria, comprou o dicionário *Etimológico, prosódico e ortográfico*, de Silva Bastos, pela módica quantia de 1.500-réis e, muito cheio do saber que levava consigo, dirigiu-se para casa e, entrando no seu quarto, fechou a porta por dentro. Depois desembulhou o livro, e, pondo os óculos no nariz, procurou a palavra *demergente*.

Decididamente o tio de Etelvina não era tôle. Entendeu. Procurou em seguida a palavra *epicédio* e também percebeu. Abriu a gaveta da sua mesa, metteu nela o dicionário, o papel e o fitilho que o embulhavam, e, chamando a sobrinha, disse-lhe num tom protector:

— Olha lá, Etelvina, o que é que me perguntaste ha pouco?

— Era o que queria dizer demergente.

Então, empertigando-se na cadeira e com um tom muito doutoral, o sr. Manuel Chacim explicou:

— E' um adjectivo antiquado, que quer dizer inclinado. ; Percebes?

— Não, senhor, voltou a mêdo a rapariguinha.



Etelvina

Pegando na faca de cortar papel, colocou-lhe o cabo sobre a mesa e a ponta sobre um livro.

— Isto, disse êle, é que é inclinado. ; Percebes?

— Percebo, sim, meu tio. ; E epicédio?

— E' termo derivado do grego. Chamava-se assim a um dos tres discursos, pronunciados nas exéquias de

alguma pessoa notavel. O primeiro, que se recitava junto da fogueira, chamava-se *nénia*; o segundo, que se gravava no túmulo, *epitáfio*; e o terceiro, que se recitava na cerimónia do enterro, *epicédio*. Sobre isto, continuou êle cofiando a barba, podia dizer-te muitas mais cousas, mas não quero fatigar a tua imaginação infantil.

No dia immediato, á hora a que Etelvina ia a casa do professor, o tio Chacim não se esqueceu de lhe recomendar.

— Olha que, se o doutor te perguntar quem te explicou as palavras que não sabias, has de dizer-lhe que fui eu.

— Sim, senhor.

E a pequena pensava.

— ; Quem lhas diria? Naturalmente foi pedir a alguém que lhas ensinasse.

Deu a lição e o professor não lhe perguntou nada. Mal chegou a casa, o tio Chacim indagou :

— ; Disseste que fui eu que te ensinei ?

— Não tive ocasião.

— Pois é preciso arranja-la, porque é bom que se saiba o trabalho que eu tenho para te dar educação.

Etelvina nessa tarde estudou a lição e, tendo uma dúvida, foi ter com o tio. Êle ouviu-a e respondeu-lhe com bom modo :

— Vai-te embora. Um homem não sabe tudo de repente. Deixa-me pensar, que, em eu discorrendo o que seja, eu te chamarei.

Dez minutos depois Etelvina tinha a informação que desejava.

Isto deu-se tanta vez que a pequena começou a desconfiar de que o tio tinha no quarto qualquer meio de saber as cousas, mas muito bem escondido.



E quando á tarde se senta á mesa...

Espreitando pelo buraco da fechadura, viu que êle consultava um livro.

Quando foi á lição falou ao mestre no livro do tio e êle disse-lhe que era um dicionário e que, se ela andasse na outra classe, mais adiantada, já o teria visto nas mãos das suas condiscípulas.

Etelvina era muito poupada. Juntava todos os vintêns, que lhe davam, num pequeno mealheiro de barro. No dia seguinte, ao ir para a lição, comprou um dicionário e trouxe-o para casa escondido, animada do desejo de dar lições ao tio.

Presumiu muito de si. Julgou que, sendo tão pequena, lhe bastava ter um livro como o do tio, para entender tudo também.

De outra vez, tendo visto primeiro no dicionário a significação da palavra *base*, foi depois pergunta-la ao tio e, antes que êle tivesse tempo de lhe responder, disse:

— Ah! já sei: é o fundamento.

Repetiu tanta vez a scena que chegou também o momento de Manuel Chacim desconfiar de onde é que vinha á sobrinha tanta clareza e prontidão de raciocínio.

Passou-lhe uma revista a tudo, quando ela menos esperava, e encontrou o dicionário. Então ralhou e enfureceu-se por ela ter comprado o livro ás escondidas dêle. No fundo, o que mais o arreliava era perder o prazer de ser consultado pela sobrinha, e de fingir que sabia. Ferido duma idea súbita, abriu o dicionário ao acaso e perguntou-lhe:

— ¿ Que está aqui escrito ?

— Confutavel.

— ¿ E o que é confutavel ?

— E' uma cousa que se pode confutar.

— ¿ E o que é confutar ?

— E' . . . é refutar.

— ;E refutar?

— Refutar . . . não . . . não sei.

O mesmo aconteceria ao tio Manuel Chacim dois meses atrás, quando confundia dicionário com elucidação e breviário; mas agora, que passava a vida a decorar as palavras e a estudar-lhes as significações, respondeu prontamente :

— Refutar é demonstrar, por modo de que não pode haver dúvida, que é falsa a razão ou argumento que outra pessoa sustenta.

Etelvina curvou a cabeça umilhada. Ela, que no seu íntimo chamava ignorante ao tio, teve de reconhecer que as pessoas, que já têm vivido, sabem muito de vêr e ouvir, e não é facil a uma criança, que começa a viver, competir com elas embora seja estudiosa.

O tio, contente de vêr que, mesmo sendo velho, o estudo lhe aproveitava, foi indulgente para a pequena ingrata a quem servia de pai e continuou a ter o prazer de lhe explicar o dicionário, porque, dizia êle :

— Quatro olhos vêem melhor do que dois.

Agora, que já não tinha por que fazer mistérios, passava os dias a lêr e, quando a sobrinha ou a irmã o censuravam por nunca lêr outra cousa, êle fechava o volume, punha sôbre êle os óculos, e afirmava com profunda convicção :

— ;Grande livro! Não quero nem preciso outro:

E' êle que me tem feito conhecer o que vale o estudo.
;O que eu sabia e o que eu sei!

E, quando á tarde se senta á mesa para jantar, a família tem de ouvir e aprender os significados das palavras que durante o dia o deliciaram.

Se protestam, ouvem-no excluir tranquilamente:
— ;Paciência! Hão-de ser sabichonas, quer queiram, quer não.



ADALBERTO

Era ainda no tempo em que as lições se aprendiam de cór.

Adalberto era muito bom rapazinho, muito esperto, inteligente mesmo, mas não tinha memória. Esforçava-se em vão por reter as lições e gastava muito tempo estudando; quando chegava porêm a ocasião de mostrar o que sabia, todos julgavam que êle não pegara no livro.

O mestre escreveu para casa fazendo queixa ao pai, e o Dr. Lima, pai de Adalberto, chamou-o ao seu gabinete e repreendeu-o.

O pequeno, com os olhos fitos no chão e os beiços trémulos, prestes a desatar a chorar, ouvia em silêncio sem se atrever a responder cousa alguma.

Finalmente o pai disse-lhe:

— Retire-se e não me apareça, enquanto não souber a lição de geografia na ponta da língua.

O pequerrucho saiu dali e, mal a porta se fechou sôbre êle, rompeu em impetuoso chôro.

Sua mãe correu a saber o que assim o afligia.

Com a voz entrecortada pelos soluços, Adalberto respondeu :

— O pai ralhou-me por eu não saber a lição. Eu



... enquanto se lavava ..

estudo e sei; mas no dia seguinte já me não lembro de nada.

D. Petronila enxugou as lágrimas do filho e perguntou :

— ¿ A lição é muito grande ?

— Não é. O professor já ma passou pequena de propósito.

— Vai buscar o livro e deixa vêr se eu consigo ensinar-ta.

Adalberto correu a buscar o aborrecido livro e, abrindo-o onde estava um lindo postal, leu muito bem:

«O mundo divide-se em cinco partes: a Europa, a Ásia e a África, que formam o Antigo Continente: a América, que é o Novo Continente, e a Oceania,



O pai mandou-o lêr...

que se compõe dum número consideravel de ilhas espalhadas no Grande Oceano de que tira o nome.

— ¿O quê? ¿E' só isto?

— Só isto.

— ¿Então tu não consegues fixar tão pouca cousa? E' possível?!

— É, mãezinha.

— Ora vamos a vêr se eu posso meter-te a lição na cabeça. ¿Quantos dedos tens tu em cada mão?

- Cinco.
- ;E quantas partes tem o mundo?
- Cinco.
- ;De quantas partes se compõe o Antigo Continente?
- Adalberto ficou calado.
- ;Quantos somos nós cá em casa?
- Quatro, com a criada.
- Eu não falava da criada; falava da família.
- Somos três.
- ;E quantas partes tem o Antigo Continente?
- Três.
- Dize lá quais são.
- Europa, Ásia e... e...
- ;De onde veem os pretos?
- Da África.
- Bem. ;O Novo Continente é composto de...?
- Esqueceu-me.
- Vê se te lembras.
- Não acho.
- O tango argentino, que está tanto em moda, ;de que origem vem?
- Da Argentina.
- D. Petronila desatou a rir e perguntou:
- ;E onde fica a Argentina?
- Na Á...
- Começa por A, mas não aberto. Tu perguntaste ao tio Maurício...
- O pequeno Adalberto esfregava a testa.

A mãe, como visse que êle não achava, perguntou-lhe:

- ¿ Quem inventou o fonógrafo?
- Foi Edison.
- ¿ E' um inglês?
- Não. E' americano.
- ¿ Como se chamará o Novo Continente?



... viu o prestiguidador fazer cousas...

Muito risonho, Adalberto respondeu:

— Já sei, já sei. E' a América.

— Já abaixaste quatro dedos: falta o quinto.

Adalberto olhava em volta, muito comprometido.

A mãe tornou-lhe:

— ¿ Que livro é esse que está sobre a mesa?

— Os *Mistérios do Oceano*.

— ¿ Como se chama a quinta parte do mundo?

— A Oceania.

— ¿ Porquê?*

— Pela primeira vez Adalberto respondeu sem hesitar:

— Porque se compõe de um número consideravel de ilhas espalhadas no Grande Oceano; daí o seu nome.

— Muito bem, aplaudiu a snr.^a D. Petronila. Vamos outra vez repetir a lição.

Seis vezes se reproduziu a mesma scena: por fim Adalberto sabia a lição na ponta da língua.

No dia seguinte de manhã, enquanto se lavava, Adalberto repetia a lição e via, com grande prazer, que lhe não tinha esquecido. Almoçou e, antes de saír para o colégio, foi bater timidamente á porta do escritório de seu pai e teve um sorriso de satisfação vendo que sua mãe estava ali sentada, na evidente intenção de assistir á entrevista que êle tanto receava, apesar de ter a certeza de que, desta vez, sabia bem a lição.

O pai mandou-o abrir o livro e lêr um trecho qualquer, para o pôr á vontade, porque percebeu que êle estava ainda comovido pelos ralhos da véspera; por fim D. Petronila, depois de o vêr mais tranquilo, perguntou-lhe a lição que êle disse muito bem.

O pai, satisfeito, disse-lhe:

— Se durante oito dias souberes bem a lição, irás ao Coliseu vêr o prestidigitador que chegou ontem.

O pequeno Adalberto durante quatro dias causou o espanto do professor, que tinha chegado a imaginá-lo tólo, e que, vendo como êle dava óptima conta

das lições, resolveu chama-lo e perguntar-lhe como é que, dum momento para o outro, dum cábula se fizera um bom estudante.

Adalberto contou-lhe que sua mãe, vendo que êle não tinha memória, lhe ensinára a fazer mnemónicas e que por esse processo conseguira fixar as lições.

— Parece um disparate, mas não é, sr. Sá, dizia êle ao mestre admirado. Quando outro dia explicou o que era *península*, eu, para me não esquecer, disse comigo: península é quasi uma ilha e, se não é ilha, é porque lhe falta o *quasi*; e, como nessa tarde tinha estado na praia, lembrei-me de que as pranchas, que se metem á água para os banhistas saltarem, estão rodeadas de água por todos os lados, menos por um: é o *quasi*. Desde então, nunca mais esqueci que a península está rodeada de água por todos os lados menos por um, que é por onde se liga ao continente.

— Está bem, disse sorrindo o professor. Desejo que esse modo de estudar te continue a dar resultado. Vai-te sentar.

No fim dos oito dias o pai de Adalberto cumpria a promessa de o levar ao Coliseu, onde êle, radiante de júbilo, viu o prestidigitador fazer mil cousas maravilhosas.

Desde então, Adalberto supria pela habilidade a falta de memória e nunca mais ninguêm notou que êle não sabia. Orgulhoso do seu esforço, ocultava-o e tinha mais merecimento do que qualquer outro em saber a lição, pelos grandes esforços que fazia para a

fixar. Á fôrça de usar a memória acabou por a desenvolver e quanto mais estuda menos lhe custa.

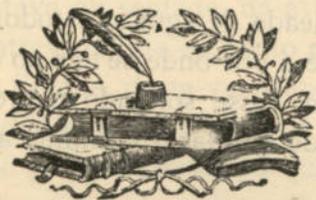
D. Petronila, muito contente com a sua invenção, quando alguêm se lhe queixa de ter pouca aptidão para qualquer cousa, receita-lhe :

— Bôa vontade.

E comenta :

— Supre tudo, até a falta de memória.

Tem razão.



Noite de sobresalto

Enquanto a família toda
Vai receber o bebé,
Manuel segue atrás da mãe
E, pondo pé ante pé,

Consegue roubar-lhe a chave
E fugir com prontidão,
Pensando convencer todos
De que houve em casa um ladrão.

Tendo lido o Sherlock Holmes,
Quis o polícia imitar,
Mas preparando o cenário
Onde havia de brilhar.

Entrou no quarto da cama,
Pôs tudo num reboço
E, arrombando a dispensa,
Levou o vinho e chouriço.

— Se tiro bolos, manteiga,
 Julgam logo que fui eu.
 Tirando do que não gosto
 Dirão : ; quem foi o judeu ?

E, por muito que procurem,
 Ninguêm me ha de suspeitar.
 ; Como eu me vou divertir
 Fazendo um roubo a brincar !



E pondo pé ante pé

Depois serviu-se das chaves
 E, pegando no dinheiro,
 Foi 'scondê-lo no jardim
 Junto dum alto pinheiro.

Terminada esta tarefa,
 Gritou : — ; Acudam, ladrões !
 Com toda a fôrça que pôde
 Imprimir aos seus pulmões.

Correu o guarda nocturno,
Acudiram os visinhos,
Enquanto todos em casa
Tremiam pelos cantinhos



Correu o guarda nocturno...

Sem se atreverem a vir
Saber o que se passava.
Entretanto, o garotaço
Assim as cousas contava :

«Quando entrei no quarto, vi
«Um homem que ia a fugir:
«Inda tentei agarra-lo:
«Não o pude conseguir.

«Grito, grito, ninguém me ouve.
«Começava a enrouquecer
«Quando chegaram, mas tarde,
«P'ra me virem socorrer.

*

* *

¡Que noite de sobresalto!
Ninguém conseguiu dormir.
Dona Pulquéria, assustada,
Vê mil fantasmas surgir

Constantemente ao pé dela.
A criada, que é medrosa,
Entra no quarto do amo
Numa figura espantosa:

Leva a saia na cabeça,
A palmatória na mão,
E murmura apavorada:
— Eu sinto gente, patrão!

Dona Aldonça resolveu
Dar tudo, em vida, á sobrinha,
Pois ninguêem a roubará
Quando ela fôr pobrezinha.



Que noite de sobresalto !

Manuel ocultara as chaves
No colete do criado,
Que veio servir o almoço
No trajo mais apurado.

Dona Pulquéria viu logo
A chave, e, de indignação,
Pôs-se de pé e bradou:
— Vejam : foi êle o ladrão !

O pobre homem, assustado,
Tira a chave d'algiebeira
Dizendo:—'stá aqui. . . 'stá aqui. . .
Mas não sei por que maneira.



— Vejam : foi êle o ladrão !

— Vai sabê-lo num momento
Quando chegar á prisão.
Eu nunca darei desculpa
A tão feia e negra acção.

Manuel então afirmou :
— Não foi êle, minha mãe.
Eu vi fugir o ladrão
E conheço-o muito bem.

— ¿Mas que quer dizer a chave
No bôlso do Elesbão?

— Foi para que, vendo-a lá,
Julguem que é êle o ladrão.

Dona Aldonça confessou
Que tivera um susto tal
Que receara morrer
Sem dispôr do cabedal.

Fez doação á sobrinha,
Que muito grata ficou,
Pois não sabia o motivo
Que a tal acção a levou.

Com a cabeça entre as mãos
Pensa o pai no seu dinheiro:
¿Como ha de pagar a casa?
¿A conta ao talho? ¿ao tendeiro?

Então Manuel, levantando-se,
Resolveu tudo alegrar.
Foi ao jardim e voltou
Trazendo o que ia buscar.

Ao vêr o dinheiro, o pai
Teve tal satisfação,
Que começou a conta-lo
Sem indagar do ladrão.

Pulquéria, vendo o chouriço
 E o vinho voltar ao lar,
 Abraçou-se á tia Aldonça
 Que desatou a chorar.



Fez doação á sobrinha

Serenada a comoção,
 Todos quiseram ouvir
 Como é que as cousas voltaram.
 — Êle as veiu restituir,

Arrepellido do roubo,
 Na intenção de se emendar.
 Perdoei. — Fizeste bem.
 — Não o querem castigar?

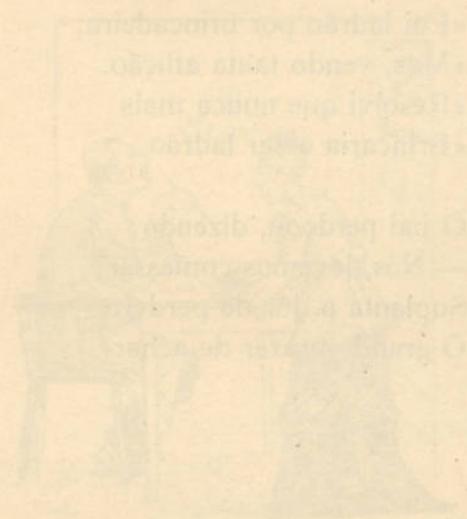
— Não, por estar arrependido.
Então Manuel, ajoelhando
Afirmou em tom sincero:
— Fazem-me bem perdoando.

«Fui ladrão por brincadeira,
«Mas, vendo tanta aflição,
«Resolvi que nunca mais
«Brincaria a ser ladrão.

O pai perdoou, dizendo:
— Nós devemos confessar:
Suplanta a dôr de perder
O grande prazer de achar.



— Não me esqueças, Senhor, quando eu estiver
 sozinho, e quando eu estiver com os meus irmãos,
 e quando eu estiver com os meus irmãos,
 e quando eu estiver com os meus irmãos.



Um homem escrevendo.

— Senhor, como eu sei que
 todos os dias eu me esqueço
 de Ti, e de tudo o que Tu fizeste por mim,
 — E eu não sei voltar.

— Arrepentido de tudo,
 Na intenção de me converter,
 Perdoar — Fazeste bem,
 — Não a quem se converte.

O rato de D. Matias

D. Matias era um espanhol residente em Lisbôa, havia longos anos, que vivia de ensinar piano ás meninas e senhoras lisboetas. Magro e elegante, cantava umas romanças acompanhando-se ao piano, o que lhe aumentava consideravelmente a clientela, porque, segundo diziam todos, D. Matias cantava com *mucho salero*. Mas, como não ha bem que sempre dure nem mal que não acabe, veio uma época em que, por fatalidade, as discípulas de D. Matias o deixaram descansar tanto, que o pobre homem começava a andar apreensivo com receio de lhe vir a faltar o ganho necessário para o seu sustento. Então meditou muito e, julgando ter encontrado uma solução, fez inserir em todos os jornais êste anúncio em letras muito grandes:

«O professor Matias Gonzalez tem um meio infalível de conseguir que as meninas preguiçosas dêem magníficas lições de canto e piano. É o rato.»

Este anúncio trouxe-lhe muitas respostas porque despertou a curiosidade pública.

D. Matias, quando estava sem dinheiro e sem discípulos, sentava-se ao piano e tocava horas e horas, não só para se exercitar, como também para se distraír. Com grande espanto seu, viu um dia que um



D. Matias levava horas e horas

ratinho, quando êle começava a tocar, deitava a cabeça fóra do buraco e se punha a escuta-lo com atenção. Como êle o não enxotasse, o rato ganhou confiança e a pouco e pouco veio saído para fóra até se colocar junto da cadeira do professor, escutando-o com muito propósito. Se êle parava de tocar, fugia para o buraco; se recomeçava, vinha de novo ouvir. D. Matias tinha muita vaidade no seu gentil admirador e come-

çou a dar-lhe migalhinhas de queijo e bocadinhos de toucinho frito. O rato, que era muito guloso, afeiçoou-se a quem lhe dava tão boas cousas e acabou por não recolher ao buraco, andando pela casa atrás de D. Matias como se fôsse um cãozinho. O espanhol ensinou-o



A primeira pessoa que respondeu ao anúncio

a dançar, a pôr-se em pé nas patas trazeiras, e a fazer mil habilidades. Como não tinha filhos nem família, afeiçoou-se ao rato, que era muito meigo e êle tornara muito bem educado, e trazia-o sempre no bôlso para qualquer parte que fôsse.

Caíndo em necessidade, lembrou-se D. Matias de tirar proveito do seu amiguinho e, indo a casa da pri-

meira pessoa que respondeu ao anúncio, expôs-lhe o seguinte: «Quando uma discipula não sabe a lição, não lhe mostro o rato; se ela, pelo contrario, dá bôa conta de si, mando o rato dansar e fazer habilidades. Este meio é infalível porque as crianças acham uma tal



A discipula de D. Matias lendo o seu proprio elogio

graça ao rato que, só para o verem fazer as suas gracinhas, estudam com muito bôa vontade.»

Dias depois, foi chamado a uma casa onde não havia crianças. A discipula era uma senhora alta e magra, mas com uma grande negação para a música. Tocava muita cousa, mas tudo mal e sem gosto algum; era preciso inculcar-lhe gôsto, desenvolver-lhe o sentimento artistico, etc. Era, pelo menos, isso que o marido, um maníaco por música e que não se queria

conformar com o desastramento musical da mulher pedia ao professor. É claro que com esta discípula não podia êle empregar o rato. O método que usava era outro. Tocava para ela ouvir, procurando despertar-lhe o interesse que absolutamente lhe faltava. Tocou-lhe a *Ave Maria* do *Otelo*, elogiou-lhe primeiro essa obra do grande maestro italiano José Verdi e depois cantou-lhe algumas *malagueñas* da sua terra, com o ardor e graça que tanto lhe admiravam nas salas. Era tudo inutil. D. Josefina bocejava, detestava o piano e, segundo afirmava, só estudava e dava lições para não deixar de ir no inverno a Paris. Porque o marido, que declarava a todos que a mulher era uma excelente pianista, dissera-lhe que, se o deixasse ficar por mentiroso, não iria viajar com êle.

D. Matias perdia a paciência. Sabendo por acaso, em conversa, que D. Josefina tinha medo de ratos, lembrou-se de empregar o seu amigo para tirar resultado desta discípula renitente.

— Se v. ex.^a não toca como deve, disse-lhe êle muito zangado, ponho-lhe um rato na cabeça.

D. Josefina julgou que era gracejo; mas, tendo tocado em *allegro* uma cousa que devia ser tocada em *andante*, D. Matias, num impeto de impaciência, meteu rapidamente a mão ao bôlso e pôs-lhe o rato na cabeça.

— ¿Que fez? perguntou assustada D. Josefina.

— O que prometi, se não tocasse bem.

A pobre senhora não se atrevia a tocar no rato

porque a repugnância que por êle sentia era invençível mas, pedia pelo amor de Deus a D. Matias que a livrasse daquele martírio. Á lamúria dela acudiu o marido que, sabendo do que se tratava, declarou:

— Optimo! Optimo! Rato com ela, cada vez que não estiver com atenção.



O marido desola-se em vão

Foi tal o terror da pobre senhora que passou a estudar extraordinariamente e, se nunca foi uma grande pianista, houve pelo menos uma vez em que recebeu uma grande ovação.

Foi assim:

O marido quis que ela tocasse com êxito num concêrto de caridade. Mandou escrever a um compositor célebre uma canção que exprimisse bem o mêdo

e colocou D. Matias junto dela com o rato na mão. Ensaios e concêrto foram um castigo para a pobre senhora, mas ela tocou como devia e nunca ninguém exprimiu melhor o mêdo musicalmente. Ouviu-se chamar insigne pianista. O marido impava de vaidade, mas o que ninguém soube, nem mesmo ela o disse, foi que o seu triunfo era devido ao rato.

É tão grande a vaidade feminina que, contente com os aplausos recebidos, agradeceu ao marido e a D. Matias . . . o rato.

Nunça conseguiu tocar mais nada em termos, e o marido desola-se, em vão, por não saber o que ha de substituir o rato de D. Matias.



A viuva do felá¹

Carlitos, sentado na sua alta cadeira junto da mesa de jantar, dizia a seu irmão Anibal, três vezes mais velho do que êle, que contava apenas sete anos:

— ; Vê como eu estou crescido! Daqui a pouco ha ser preciso comprar-me outra cadeira.

— Não vale a pena. Podes começar a servir-te das nossas.

— Não gosto. Prefiro ser dono da minha cadeira.

— Ora, sendo tu tão zeloso das tuas cousas, ; porque motivo mexes nos meus livros? ; Julgas que me é indiferente isso? Assim como queres a cadeira só para ti, também eu quero que os livros sejam só meus.

— Quando eu fôr grande e tiver livros, não mexo nos teus.

(1) Camponês do Egipto.

— ; Então, daqui até lá, entendes que heide suportar que me estragues tudo?

— Eu não estrago. E' só para vêr os bonecos e olha que volto as fôlhas com todo o cuidado.

Efectivamente Carlitos voltava as fôlhas lentamente e tomando todas as precisas precauções para não estragar o volume que tinha aberto sobre a mesa diante de êle.

— Olha, volveu conciliador, chamando a atenção do irmão para o livro, ; quem é êste homem?

— E' um tuaregue.

— ; Que são tuaregues?

— São homens que habitam os oásis do deserto do Saará, na A'frica.

— ; E que bicho é êste que êle monta?

— Um camelo. ; Não o viste no Jardim Zoológico?

— Não.

— Pois lá ha um bem grande.

— ; Levas-me a vê-lo?

— Isso... qualquer dia.

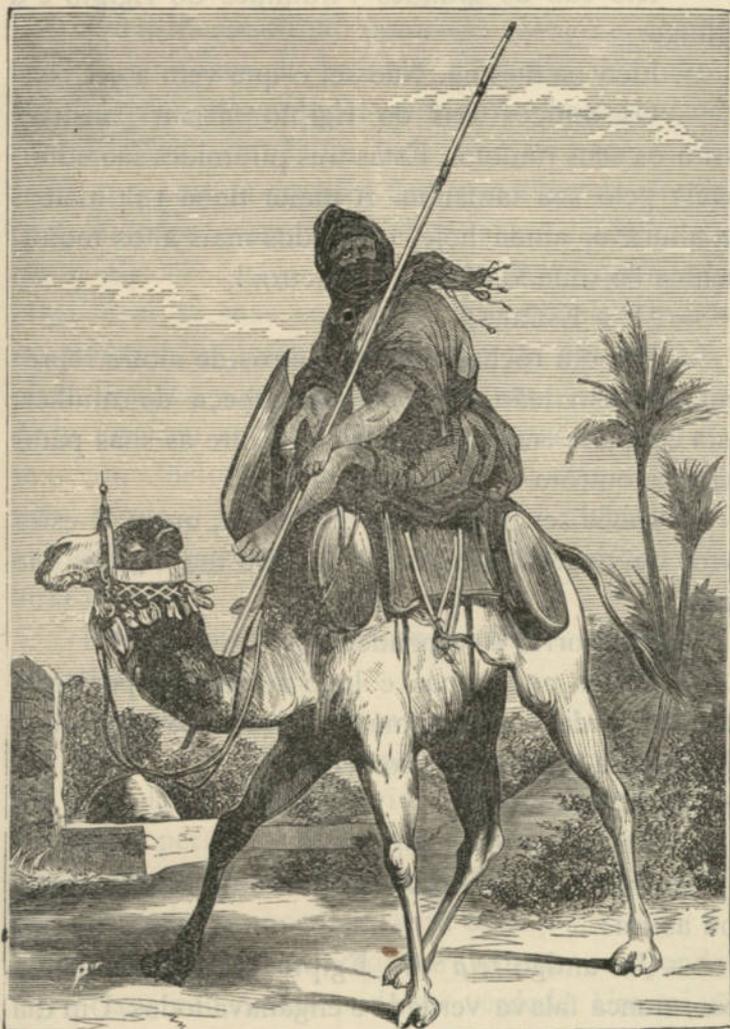
— ; Êste teu livro é muito bonito! Gostava de o ter.

— Quando souberes bem lêr, faço-te presente dêle.

— Tem bonecos muito lindos, mas tem alguns que eu não percebo o que são.

— É natural.

— Êste por exemplo. ; Que vem a sêr isto?



— E' um tuaregue

— Isto são as grandes Pirâmides do Egipto e a Esfinge.

— Fico na mesma. Não sei o que vem a ser isso.

— Os antigos reis do Egipto faziam construir assim os seus túmulos. Estas tres pirâmides são admiráveis pelo seu tamanho. A maior tinha 144 metros de altura e, ainda hoje, é um dos mais altos monumentos do mundo. Tem 137 metros!

— ;E a Esfinge?

— Era um rochedo de 20 metros de altura representando um leão com colo e cabeça de mulher. Está em parte enterrado na areia. Entre as suas patas abria-se outrora a porta dum templo.

— Devia ser magnífico. O' Aníbal, quem lê estes livros de viagens pode fingir que viu tudo, ;pois não pode?

Aníbal sorriu e respondeu:

— Poder pode, mas é logo apanhado, porque a verdade anda constantemente á caça da mentira e desmascara-a a todo o momento.

— ;Como é isso?

— Eu te conto.

E Aníbal, sentando-se em frente do irmão, começou assim:

— Um antigo *felá*¹ do Egipto era muito mentiroso: nunca falava verdade e enganava todos. Um dia Ramsés II recebeu queixas violentas contra êle e, tendo verificado que eram fundadas, mandou-o matar. A mulher dêle, que teve um grande desgosto

de o perder, ficou com um grande horror á mentira por ela ter merecido tão tremendo castigo e, com receio de ter a mesma sorte que o marido, deu, não só em falar sempre verdade, como em perseguir os mentirosos. Mas, com tanta fúria caiu no excesso de o fazer, que causou grandes desastres em toda a região, porque todos gostam que lhes falem verdade, mas raros são os que a empregam sempre quando ela pode lesar as suas conveniências pessoais. De novo se alarmou o povo e o rei teve de escutar novas murmurações. Castigar uma criatura por falar verdade pareceu ao rei uma cousa iníqua: consultou os seus conselheiros que receram manifestar a sua opinião. Todos, no fundo, aborreciam a defensôra da verdade porque a temiam, ; mas condena-la que efeito faria ao rei?

«Fôram pois unânimes na opinião de que se devia consultar o oráculo.

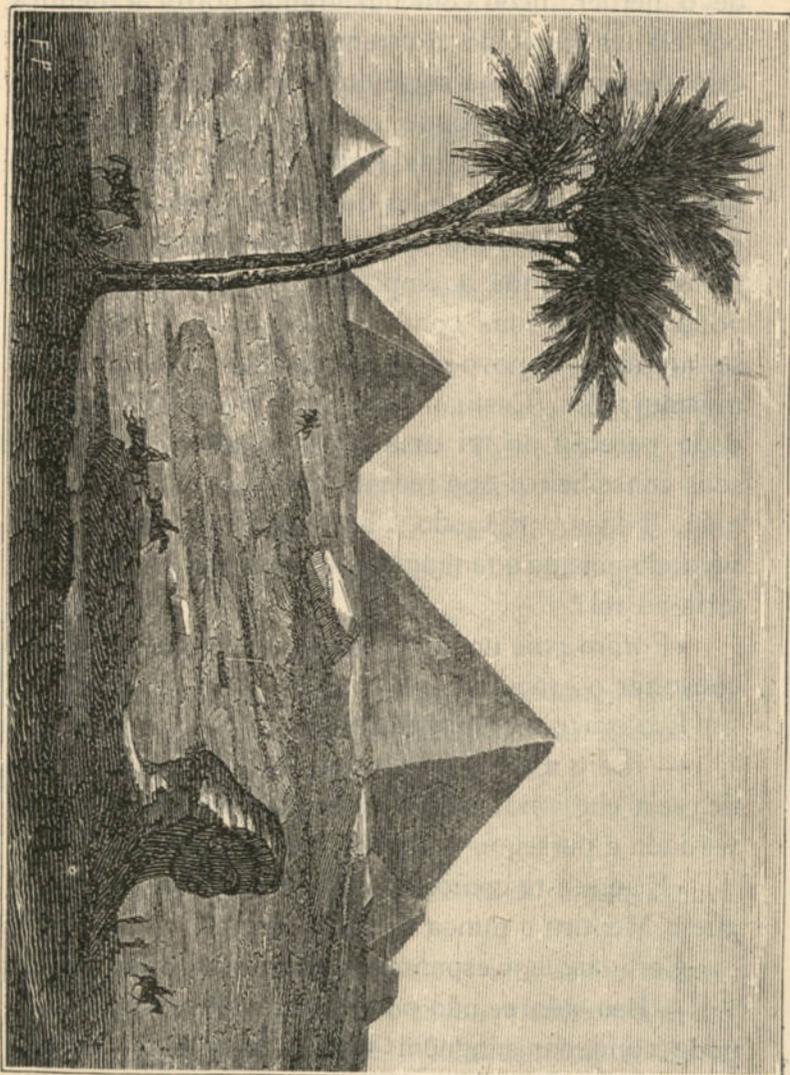
E o oraculo respondeu :

— «Se o marido foi condenado á morte por mentir, seja ela condenada a viver eternamente por falar verdade e perseguir constantemente a mentira.

«E aqui está como, desde então, a Verdade persegue a Mentira e nunca se cansa disso.»

Carlitos olhou espantado para o irmão e respondeu:

— Isso não é, não pode ser verdade. Um rei não pode condenar ninguêm a viver, porque a vida não está sujeita á vontade dêle: pode tira-la, mas não da-la. Isso só Deus.



— Isto são as grandes Pirâmides do Egipito e a Esfinge

E Carlitos batia alegremente as mãos, contente por julgar que embaraçava o seu irmão.

Aníbal sorriu e volveu-lhe:

— Isto é uma lenda. O corpo da mulher do *felá* dorme, ha muito, fechado no seu túmulo. Dizem até que era uma das mais formosas múmias do seu tempo. Mas o seu espirito continua a perseguir a mentira, e a prova tu mesmo acabas de a dar não acreditando na história.

E, rindo, beijou o irmão e dirigiu-se para a porta.

— Aníbal! Aníbal! gritou Carlitos. ¿O que é uma múmia?

Aníbal parou e respondeu-lhe:

— É um corpo tornado incorruptível por injeccões de várias essências. Depois de sêco é apertado em ligaduras que lhe dão uma aparência curiosa, como podes vêr num dêsses bonecos que aí tens. Na tampa dos caixões que as encerravam era costume pintar um rosto semelhante ao da pessôa morta.

Aníbal safu e Carlitos ficou pasmado diante da estampa colorida que representava as múmias.

Ferido subitamente duma idea, foi ao quarto dos bonecos e, sentando-se no chão, rasgou o seu lenço em tiras; depois, pegou numa boneca, que a mãe lhe dera vestida de rapaz, e procurou transforma-la em múmia. Com as tintas de aguarela tentou imitar as várias pinturas da estampa e, sem querer, sujou de tinta o livro do irmão, quando estudava um dos hieroglifos que lhe era mais difícil imitar. Muito triste pelo

desastre, não sabia se o devia esconder se confessar. Quando o jantar reuniu a família toda á mesa, a mãe de Carlitos estranhou-lhe o silêncio.

— ¿Estás doente, meu filho?

— Não, minha mãe, estou a pensar numa cousa.

— ¿Em quê?

— Se o espírito da mulher do *felá* terá contado alguma cousa ao Aníbal.

— ¿Então parece-te que êle tem alguma cousa a contar-me?

Os pais olhavam-se sem perceber.

Carlitos disse:

— Fiz uma múmia.

Aníbal riu e contou a seus pais a conversa que tinham tido de manhã.

Quando se ergueram da mesa, Carlitos correu a buscar a múmia, que estava realmente bem imitada.

Pegando nela, Aníbal examinou as mãos do Carlitos e viu que, junto das unhas, estavam sujas de tinta. Então, ferido dum pressentimento desagradável exclamou:

— ¿Tu sujaste-me o livro de tinta?

Involuntariamente Carlitos respondeu:

— Não, não sujei.

— ¿Para que mentes? perguntou-lhe Aníbal, sem se zangar. Vai busca-lo. Quero vêr o estado em que mo puseste.

Carlitos foi buscar o livro e entregou-o ao irmão sem se atrever a olhar para êle.

Aníbal ficou consternado vendo o livro sujo, mas não ralhou com o irmãozinho porque era muito amigo dêle.



... uma das mais formosas múmias do seu tempo.

Carlitos saltou-lhe ao pescoço. Percebendo que êle estava cheio de desgosto, beijou-o muito e perguntou-lhe baixinho:

—; Foi o espírito da viuva do *felá* que to disse?

A pergunta foi feita com tanta sinceridade, que

Aníbal, sorrindo apesar da contrariedade que sentia, respondeu-lhe :

— ¿Então quem havia de ser?

Carlitos acreditou-o piamente. Só depois dos dōze anos é que começou a duvidar de que a viuva do *felá* influísse no descobrimento da verdade.

É assim que, muitas vezes, se criam superstições que acompanham as pessôas numa grande parte da vida!

Crer em lendas é uma das mais humanas e mais bem rematadas tolices.



DIGNIDADE DUM POBRE

O tio Adelino Vêrde andava profundamente pensativo. Não comia, quasi não falava, e a custo mesmo se decidia a trabalhar. Em vão a mulher e a cunhada lhe faziam perguntas; não obtinham senão esta resposta :

— Não é da vossa conta. Deixem-me em paz.

Fôra o caso que um seu antigo companheiro de escola, mandado para o Brasil pelo pai quando tinha quinze anos, voltara riquíssimo, comprara propriedades, e, considerado por todos na terra como um grande senhor, já se dizia que ia ser feito visconde; quando elle fôra ao seu encontro de braços abertos para o estreitar nêles com verdadeira alegria de coração, tinha sido recebido friamente. O brasileiro não lhe oferecêra uma cadeira para se sentar e, sem o tratar por tu, como de antes, fingira não se recordar do seu nome senão a custo, e mostrara-lhe claramente que não tinha desejos de reatar relações.

Ferido e umilhado vivamente no seu real affecto e sinceridade do coração, o tio Adelino Vêrde retirou-se com as lágrimas nos olhos e resmungando por entredentes:

—; Que mundo êste! Fui talvez eu o único amigo que o não esqueci, o que mais sentiu a sua partida, e o único de que êle se não lembra... de que finge que se não lembra, porque se envergonha da minha ignorância e pobreza! Em casa a mulher perguntou-lhe com curiosidade:

—; Então como te recebeu o Ermenigildo?

— Bem, muito bem...

—; Mas não te demoraste lá!

—; Que queres, mulher? não me sentia á vontade. Está lá a cumprimenta-lo toda a fidalgaria cá da terra...

—; Pudera não!... Êle vem podre de rico, commentou a cunhada.

Prestando ter que fazer, o tio Adelino Vêrde afastou-se para pôr termo ás perguntas da mulher e da cunhada. Não lhe pesara nunca viver pobre, vergado de sol a sol sob o pêso da enxada. A sua vida fôra até então alegremente risonha. Mas, neste momento, o desdêm do melhor amigo da sua infância tornava-o inconsolavel.

—; Que me importa a mim com o seu dinheiro! Eu nem pensava que êle o tinha! Guarde-o e não seja soberbo... Fale á gente.

Por sua parte, Ermenigildo, quando as notabili-

dades da terra se retiraram, pensou em Adelino Vêrde, na bôa amizade que em tempo os ligara, e envergo-



O brasileiro não lhe oferecêra uma cadeira...

nhou-se de não ter sabido ser superior a preconceitos mesquinhos, recebendo-o festivamente como ao mais querido dos seus antigos companheiros. Agora ; que

fazer? O melhor era ser coerente com o procedimento que espontaneamente tivera. Demais, o Adelino não poderia estender a mão ás pessoas das suas actuais relações. Ninguêem lha apertaria.

—Contudo, pensava êle, talvez se não encontrasse em toda a aldeia um character mais digno.

Pouco contente consigo, resolveu fazer o possível para esquecer tão desagradável incidente. Mas acontece, geralmente, quando alguêem se porta mal, que a sua consciência o censura e, quanto mais deseja esquecer, mais se lembra e sente pena e remorsos do acto que praticou. Depois, tudo parece estar combinado para avivar na memória o que o incomoda!

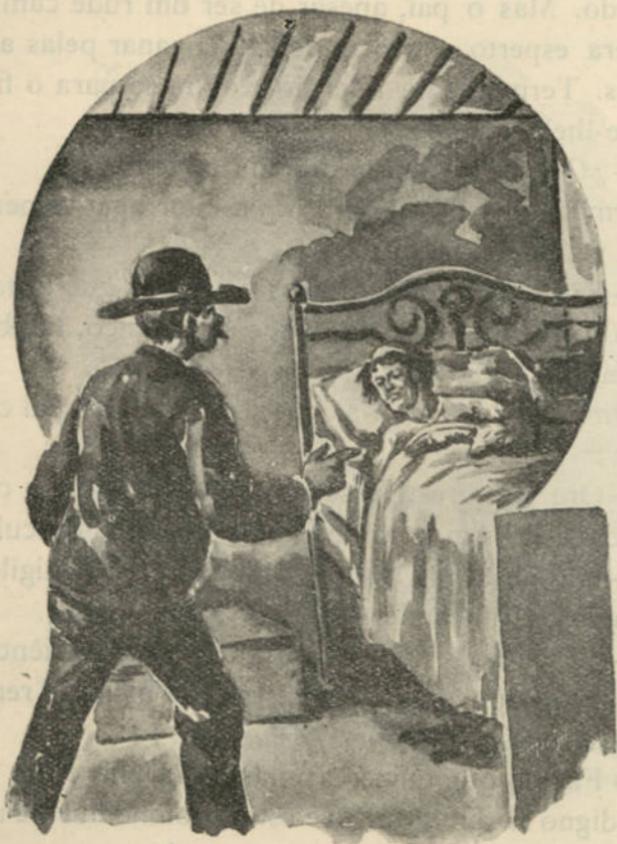
A' noite, ao deitar-se, viu diante dos olhos o último serão que passara na terra antes de ir para o Brasil. O Adelino fizera-lhe companhia, e no dia seguinte, ao ir com êle até á diligência que o havia de conduzir á estação, o pobre rapaz chorava ao estreita-lo nos braços, como se fôsse dum irmão que se separasse. A pena da maneira por que o tratara aumentou. Êle não era mau, mas parecia-o. Estava vivamente arrependido, mas, por um resto de amor próprio, não se atrevia a demonstra-lo. No dia seguinte tinha um mau aspecto. O pai perguntou-lhe:

—¿Estranhaste a cama?

—Creio que sim. Passei quasi toda a noite sem dormir.

—Pois olha que te dei o melhor leito que ha em casa.

— Isso vi eu. Mas atribuo isto ao extremo cansaço da jornada.



A' noite, ao deitar-se...

— ; Estás um fidalgo em tudo ! ; Quem me havia de dizer que um filho meu se tornaria tão delicado !... O que faz o dinheiro !

Ermenigildo sorriu contrafeito.

Foram almoçar e êle procurou mostrar-se jovial e animado. Mas o pai, apesar de ser um rude campônês, era esperto e não se deixou enganar pelas aparências. Terminada a refeição, voltou-se para o filho e disse-lhe :

— ¿ Queres que eu te diga o que tens ?

Ermenigildo olhou para o pai interrogativamente.

O velho continuou :

— Estás mal contigo pelo modo por que trataste ontem o Adelino. Se queres que seja franco, também te direi que a tua conduta me pareceu mal.

Ermenigildo baixou a cabeça corando e o pai continuou :

— Ora se eu estivesse no teu caso, ia-me a casa dêle, dava-lhe um bom abraço, e pedia-lhe desculpa.

— Isso custa-me,olveu indeciso o Ermenigildo : é reconhecer que andei mal.

— ¿ E então ? Não te acusa disso a consciência ?

— Pois sim, mas . . . Pensarei no meio de remediar o caso.

— Faze o que quizeres ; mas o Adelino é um homem digno ás direitas. Deve estar profundamente maguado com a maneira por que o recebeste . . .

Entrando no quarto que o pai lhe destinara, Ermenigildo meteu, por um movimento naturalmente inconsciente, a mão ao bôlso, e, tirando uma pequena chave, foi abrir a mala. Tirou dela um cofre que continha dinheiro em oiro e começou a contar libras.

Fez vários montinhos de dez e, pegando em dez dêles, fez um embrulho muito bem feitinho e escreveu-lhe



... meteu a mão ao bolso...

por fóra: «Ao seu amigo de infância, como prova de amizade, oferece Ermenigildo Marques.» Depois, meteu-o numa caixa e, chamando um rapazito que cos-

tumava guardar os porcos, mandou-o levar aquilo a casa do Vêrde, pedindo-lhe um sinal em como ficara entregue.

Volvidos dez minutos, o rapazito voltou trazendo a caixa e um bilhete que dizia assim :

«Ermenigildo; as tuas cem libras não podem ter entrada em minha casa. Nem mas devias mandar porque não deve ter bolsa lembrada quem tem um coração esquecido. Não ha de faltar quem te peça dinheiro : reparte-as pois por os mais pobres e mais necessitados da terra. A mim chega-me o meu trabalho para viver e consolam-me dos desgostos as amizades sinceras que ainda possuo. Desejo que sejas feliz.

Adelino Vêrde.

Espantado, o Ermenigildo voltava o papel entre as mãos sem saber que decisão tomar. Por fim foi ter com o pai que, sentado no escano — era de inverno — se aquecia á lareira. Contou-lhe o que fizera e a resposta do Adelino, terminando por dizer :

— E' um orgulhoso. Não quero saber mais dêle.

O velho tornou-lhe :

— Em todo o caso, bem menos do que tu. Julgas que o dinheiro serve para tudo e de tudo, e êle prova-te que ha alguma cousa superior ao dinheiro : a dignidade dum homem de bem, que se não paga com uma mão cheia de oiro nem com toda a tua fortuna.

— Concordo. ; Que me aconselha para ficar a bem com a minha consciência e merecer a sua aprovação, meu pai ?



... corria volta e meia á janela...

— Que vás pessoalmente procurar o Adelino, lhe peças perdão, e lhe digas que o esperamos a êle e á família para jantar. Se o administrador e o presidente da Câmara se não quizerem sentar com êle á mesa, que se vão embora. Êsses não te conheciam se voltasses pobre.

Em casa do Vêrde todos estavam inquietos. Era a hora do jantar e Adelino não aparecia. A mulher, seguida da irmã, corria volta e meia á janela e voltava para dentro pesarosa de o não vêr chegar, dizendo a Gertrudes:

— Eu não sei o que me diz o coração! O meu homem anda triste, acabrunhado: traz no pensamento qualquer cousa que o anda a moer e não desabafa. ; Onde terá êle ido que são estas horas e não aparece?

A outra tentava socega-la, mas no fundo estava também muito inquieta. Estimava o cunhado e sabia como êle era pontual. Nunca, durante os dôze anos últimos, acontecera semelhante cousa.

O Adelino Vêrde regressava do campo para jantar, quando encontrou o Ermenigildo que ia a sua casa. Vendo que êle se lhe dirigia a pedir desculpa, todo o seu ressentimento caíu por terra. Apertou-o nos braços e esqueceu a ofensa recebida.

A' tarde, quando o jantar os reuniu em casa do Ermenigildo, a alegria era franca. Fizeram-se saúdes e o presidente da Câmara e o administrador do concelho apertaram a mão ao Adelino, quando Ermenigildo, sem confessar a sua fraqueza, contou que êle recusara as cem libras, que lhe tinha oferecido, em favor dos mais pobres da aldeia.

Antes de se retirar, Adelino teve uma longa conversa com o seu rico amigo e entraram em combinações que, sendo de grande vantagem mútua, não umi-

lhavam ninguém. Adelino passou a ser feitor do Ermenigildo e este viu as suas propriedades prosperarem sob a direcção inteligente e cheia de interesse do



... a primeira saúde que fazia...

seu amigo, que se ufanava da confiança nêie depositada.

No jantar que todos os anos os reunia á mesa festejando a volta á pátria de Ermenigildo Marques, êle ía pessoalmente á adega buscar uma garrafa do seu

melhor vinho e a primeira saúde que fazia era ao seu feitor.

O pai aplaudia-o e, quando a sós com êle, não podia furtar-se a dizer-lhe.

— ; Olha se com os teus mal entendidos preconceitos não tens feito as pazes com o Adelino ! Estavas farto de ser roubado. Porque, sem entenderes nada de agricultura, estavas na mão dos caseiros e eu de nada te podia valer, velho e doente como estou.

— Não seria tanto assim.

— ; Qual não era ! Sabes muito de assucar e cana de assucar, mas cá do amanho das terras não entendes cousa alguma.

— Olhe, meu pai, o melhor que eu ainda ganhei em me pôr de bem com o Adelino foi a satisfação da minha consciência. Não ha nada que a pague.

— Tambem digo, concordou o velho.



CAIPIRA

Dona Gualdina, á janela,
Acompanhada do cão,
Vê em grande pasmaceira
Passar uma procissão.

O sobrinho cumprimenta-a.
Fez-lhe sinal de subir.
Êle responde por gestos
Que após a festa ha de vir.

Então a tia Gualdina,
Chamando a nova criada,
Manda aumentar o jantar
E pôr toalha lavada.

Depois, fez entrega ao cão
Dum cêsto, em que ia um papel,
Para levar ao tendeiro
E trazer ovos e mel.

Aboca o cêsto o *Caipira*
(Assim se chamava o cão)
E lá vai direito á tenda
Pôr o cêsto no balcão.



Dona Gualdina acompanhada do cão

O tendeiro disse ao filho,
Dando-lhe em mão o cabaz:
— Avia-me este freguês
Antes de todos, rapaz.

Caipira, agitando a cauda,
Muito atento e cuidadoso,
Segue o pequeno, que mede
O mel, com ar de guloso.

Depois, aboca o cestito
E, correndo a bom correr,
Leva tudo á sua dona
Que á porta o vem receber.

Mas, vendo o mel que escorria
Entre a rolha e o gargalo,
Foi-o lamber. Achou bom:
Decidiu saborea-lo.

Viu que a dona pôs o frasco
Sôbre um trinchante; e depois,
Dando ovos á cozinheira,
Disse: no môlho só dois.

Ficou só. Olhou em roda.
Depois, chegando ao trinchante,
Pegou com custo no frasco
Entre as patas de diante.

Deitou-se no chão. Co'os dentes
A rôlha ao frasco tirou
E, vertendo o mel na casa,
Lambeu tudo que entornou.

Ao jantar, dona Gualdina,
Entre o esposo e o sobrinho,
Gaba a esperteza do cão
Em fazer um recadinho.



O sobrinho de D. Gualdina

Mas, chegando á sobremesa,
Deu pela falta do mel.
Olhando bem o *Caipira*,
Viui qual foi o seu papel

Nesta inesp'rada surprêsa,
E quiz castigar o cão,
O que o marido impediu
Com esta bôa razão :

— O teu sobrinho é um asno :
Caipira um inteligente.
Comeu o mel quem devia.
O ditado nunca mente.

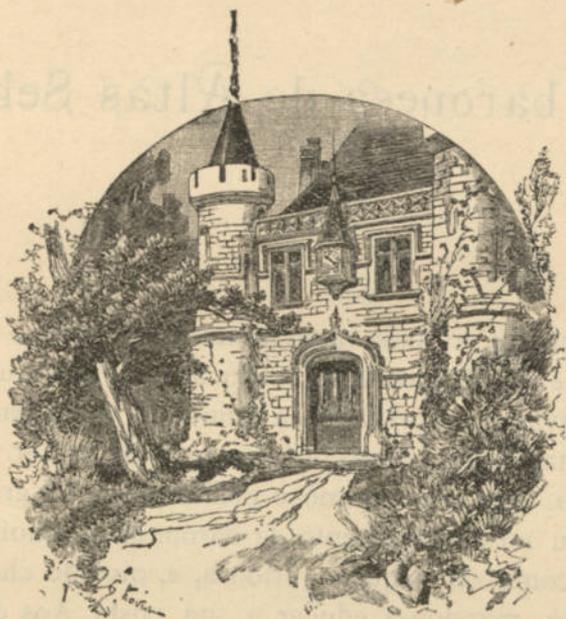


A baronesa de Altas Sebes

Belmira era uma rapariga muito modesta e pobre, mas de rara beleza e fina educação. Filha dum pobre cavador empregado na quinta da velha baronesa de Altas Sebes, morrera-lhe a mãe ao nascer. A dôr do pai, que era extremoso pela mulher, foi grande e chegou ao conhecimento da baronesa. Condoída, tomou conta da pequena, criou-a, e, quando chegou a ocasião, mandou-a educar á sua custa. Aos dezóito anos, terminada a instrução que a madrinha resolvera dar-lhe, regressou á casa senhorial da sua protectora e tomou ali, naturalmente, o lugar de filha.

A velha baronesa tinha um filho único, muito extravagante, que lhe tinha dado grandes desgostos. Tendo gasto completamente a sua paciência, resolveu nunca mais querer saber dêle, quando lhe constou que êle casara com uma domadora de leões.

Mais tarde vieram várias pessoas amigas instar com ela para que recebesse os netos. Mas aquela senhora, muito orgulhosa da sua ascendência, não perdoara ao filho ter misturado sangue plebeu á sua ve-



Era linda a casa senhorial...

lha árvore genealógica e respondeu que os filhos dum domadora de leões não seriam nunca seus netos.

O barão, muito orgulhoso também, nunca mais procurou sua velha mãe, que, esquecendo-se dêle a pouco e pouco, acabou quasi por se persuadir de que o filho morrerá.

Os seus extremos eram para Belmira, que, muito reconhecida á sua benfeitora, nem por isso deixava de sofrer.

A baronesa tirara-a do seu meio, mas não pensara sequer por um momento em modificar a situação do pai da sua afilhada.

Belmira estimava o pobre homem que lhe dera o ser e via-o de sol a sol cavar a terra, vergado todo o dia ao trabalho, e carregando ás costas fardos de feno. Presenteara o pai com uma banheira, pedira-lhe para tomar banho todos os dias, mas nem por isso o pobre homem deixava de suar bestialmente e, quando se aproximava dêle, embalsamando o ar com o perfume dos seus vestidos, sentia uma impressão de desgosto da qual se censurava e arrependia, mas que não podia evitar. O feitor e os criados da casa chamavam-lhe «snr.^a D. Belmira», mas, quando falavam com o pai dela, diziam: «Ó João do Poço, tu...»

Como era bôa rapariga, Belmira ia duas vezes por semana pôr em ordem a casa de seu pai. A pouco e pouco deu-lhe uma cama e os móveis necessários para a tornar confortável. O pai beijava-a reconhecido, mas os invejosos riam e diziam que a afilhada da baronesa queria tornar o pai fidalgo.

Êle contava á filha tudo que ouvia, como um desabafo. Ela fingia não dar importância e aconselhava o pai a não fazer caso; mas, quando á noite se recolhia ao seu quarto, chorava e afligia-se por se vêr deslocada, tanto no solar como na casa paterna.

Um dia saiu a passear com a madrinha e, na volta, a baronesa quiz aprear-se da carruagem. Ela havia muito que não andava pelo seu pé na estrada e sentia um grande desejo, não só de andar, como de se ir sentar um pouco á sombra dos pinheiros no cimo do outeiro vizinho.

— E não lhe fará mal a subida, madrinha?

— Nenhum, visto que tanto a desejo.

— Parece-me o caminho rude e íngreme demais para quem não sai ha tanto tempo.

— Não é; mas ainda que fôsse, sinto-me velha e doente, Belmira, tenho pressentimentos de que morrerei cêdo e quero ir ali pela última vez. Foi á sombra daqueles pinheiros que o barão me pediu licença para procurar meu pai e dizer-lhe que queria casar comigo. Já vês que é justo que eu deseje ali tornar ainda uma vez.

Depois dum longo silêncio continuou:

— Já lá vão bons quarenta e cinco anos e parece-me que foi ontem! Então eu era uma rapariga bonita e interessante como tu. Tinha muito mêdo de todos os bicharocos e tremia á vista até dum gafanhoto. Estava sentada naquela pedra grande que daqui vês, quando, sentindo uma roselhada junto de mim, vejo um lindo lagarto que me fitava com os seus olhinhos pequenos e vivos. Soltei um grande grito e subi para cima da pedra. Acudiu-me o barão que andava á caça das perdizes. E aqui tens como do mêdo dum lagarto saiu um casamento.



O barão chegou junto dela sem ser pressentido...

— ;E' o lagarto que a madrinha conserva em álcool?

—E'. Gosto dêle pelo favôr que sem intenção me causou, mas detesto todos os outros. Sempre é um animal que se pôde comparar ás ervas daninhas.

— ;Porquê?

—A erva daninha, por mais que se corta, cresce. Se tu cortares a cauda ao lagarto torna a crescer; depois, teem a forma semelhante aos lagartos os camaleões que mudam de côr conforme o tempo e as impressões que recebem.

Belmira sorriu e respondeu :

—Parece-me injustiça tornar o lagarto culpado de culpas que não tem, por uma simples semelhança de fórma.

— Não é tal, por esse modo de julgar... eu seria... Espera... Pára um pouco... Parece que não estou bem.

E antes que Belmira tivesse tempo de lhe fazer a menor observação, caiu-lhe desmaiada nos braços.

Aos gritos da rapariga acudiram o cocheiro e o trintanário. Meteram a baronesa na carruagem, para a qual a levaram com dificuldade devido á sua grande corpôlência, e apoiaram-na a Belmira.

O cocheiro subiu apressado para a almofada e fustigou os cavalos.

Quando chegaram ao solar, a baronesa tinha deixado de existir.

Belmira chorava como se tivesse perdido uma extremosa mãe.

Os herdeiros fôram prevenidos pelo telégrafo. E o neto, que contava vinte anos, veio assistir ao entêrro porque o pai, entrevado ha cinco anos, não se erguia da cama ha muitos meses e a mãe, como enfermeira dedicada, não o abandonava um segundo.

O jovem barão Roberto ficou encantado vendo a formosa afillhada de sua avó e, quando o entêrro terminou, pediu-lhe que se conservasse no solar até que seu pai destinasse o que faria da casa.

Belmira escusou-se dizendo que tinha pai e que o seu lugar era junto dêle, visto que a sua protectora morrerá.

Mas o verdadeiro motivo da recusa era a antipatia que tinha áquella gente que tantos desgostos causará á sua bôa madrinha.

O barão mostrou-se muito pesaroso, e, entregando a casa ao feitor, fez as suas despedidas e partiu.

Seus pais receberam-no com muita ternura, mas notaram que êle vinha muito triste e pesaroso.

Não comia, não bebia e quasi não falava.

A mãe começou a inquietar-se com o seu estado e mandou vir um médico que o examinou cuidadosamente, declarando em seguida que êle tinha a melhor saúde do mundo, mas que devia ter tido qualquer desgôsto.

Interrogado por sua mãe, acabou por lhe dizer que gostava muito da afillhada de sua avó e desejava casar com ela.

A mãe, que era duma grande bondade, fez com

que o pai cedesse aos desejos do filho, que nessa mesma tarde, alegre e feliz, foi em procura da mulher que já reputava sua noiva.

A poucos passos do solar encontrou o João do Poço vergado sob um feixe de feno. Perguntou-lhe pela filha e êle disse-lhe que devia estar sentada ao fundo da quinta da baronesa, jun todo muro da capela que encerrava o carneiro dos barões de Altas Sebes.

O barão dirigiu-se para ali e chegou junto dela sem ser pressentido.

Chamou-a pelo seu nome e disse-lhe ao que ia.

Ela não se deslumbrou com a situação que lhe era oferecida e respondeu que não pagaria os benefí-cios que recebera da baronesa casando-lhe com o neto.

Sabia que, se ela vivêsse, não aprovaria nunca semelhante enlace.

Em vão o barão a quiz deslumbrar com as grandezas da vida que lhe preparava; respondia que não iria nunca contra a vontade da sua benfeitora.

Era já tarde para regressar á casa paterna; por isso resolveu o barão pernoitar no solar e partir no dia seguinte.

Entrando em casa de sua velha avó, tudo lhe pareceu triste e sombrio.

Abriu uma janela, acendeu um cigarro e, encostando o cotovêlo ao peitoril e o rôsto na mão, ficou pensando na alegria com que viera e na tristeza com que ia voltar...

Os minutos pareciam-lhe horas. Para se não aborrecer mandou buscar um candieiro e dirigindo-se ao



O barão ficou pensando...

quarto que sua avó ocupara propôs-se a examinar os seus papeis. Abriu a secretária e depois a primeira gaveta da esquerda.

Encontrou nela uma colecção de retratos de seu pai, tirados anualmente até á data infeliz em que não voltara ao solar. Depois, cartas dêle; leu-as e teve pena que seu pai tivesse procedido assim. Encontrou também cabelos, cortados quando seu pae era pequeno, e uma caixa em que a mãe conservava os seus dentes.

Abriu outra gaveta, depois outra, e finalmente reparou numa mola oculta sob a terceira gaveta; carregou nela e abriu-se um pequeno escaninho no qual havia apenas um papel tarjado de preto em que se liam estas palavras:

O MEU TESTAMENTO

Não estava lacrado, nem fechado, nem escrito em nenhuma das condições que tornam tais papeis válidos perante a lei. Era uma fôlha de papel de carta em que se lia o seguinte:

Meu filho

Se quizeres respeitar a minha última vontade, dá o solar e as suas dependências a teu filho Roberto com a condição de casar com a minha afilhada Belmira, que eduquei como uma verdadeira senhora, e foi para mim o que não quizeste nem soubeste ser. Os teus pergaminhos não se podem incomodar com isso, visto

que já contas entre as celebridades da tua genealogia uma domadora de leões. Eu podia fazer um testamento legal garantindo o futuro da minha afilhada, mas pareceu-me inútil. Um Altas Sebes, por muito que tenha descido, deve conservar, pelo menos, ainda o respeito pela vontade dos mortos: faço-te justiça e perdôo o teu procedimento.

Tua mãe

Clara de Gondar.

O barão Roberto, louco de júbilo, saltou as escadas a quatro e quatro e, apesar da hora avançada da noite, foi bater á porta do João do Poço.

Êste, estremunhado, não percebia o que lhe dizia o barão, nem os motivos por que devia ir acordar a filha.

Êntão, á luz duma velha candeia de azeite, o barão leu-lhe a carta da avó.

João do Poço desatou a chorar e disse:

— A única consolação que eu tinha da morte da senhora era ter finalmente junto de mim a pequena: agora levam-ma outra vez e fico de novo só!

— Não, não ficas só. Vais morar para o solar, porque o pai de minha mulher é também meu pai e como tal ha de ser tratado e respeitado por todos.

João do Poço foi chamar a filha que por sua vez tevê uma grande alegria, pois gostava muito do barão

e, se tinha recusado casar com éle, era porque julgava cumprir um dever de gratidão para com a memória da sua velha protectora.

Hoje vivem todos muito felizes, mas o mais feliz de todos é o João do Poço, porque, tendo tido uma vida pesada de trabalhos e amarguras, é um rico senhor que tem um neto formosissimo que são os seus encantos.

Não se tornou soberbo e é bom para os amigos que socorre nas necessidades, apesar de conhecer que lhe têm grande inveja.

Se o censuram por fazer bem a quem diz mal dêle, sorri com bonomia e responde :

— ; Coitados! é natural que me tenham inveja : a vida dêles é tão diferente da minha ! ; Sou tão feliz !

E continua a valer-lhes generosamente.

São assim todos os grandes corações.



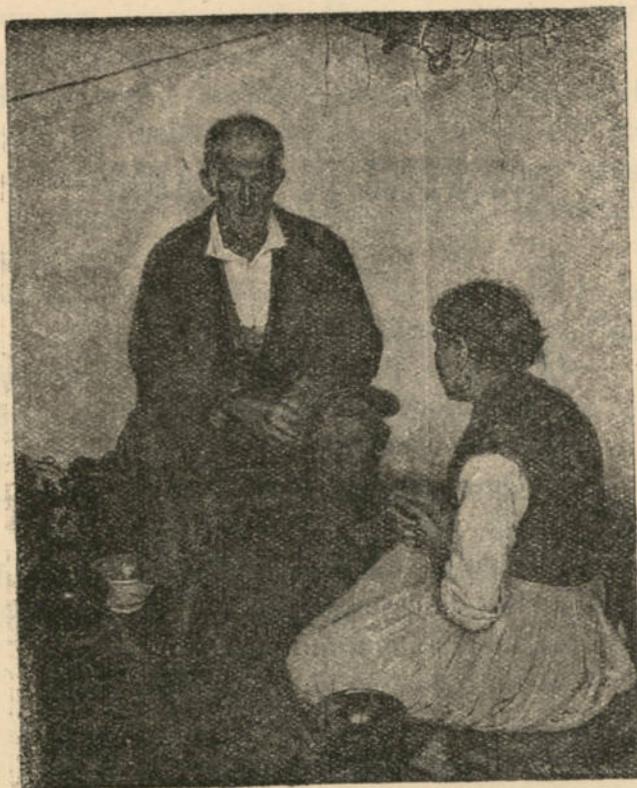
OS NETOS DO PESCADOR.

O tio Luís, pescador,
Falando com sua irmã,
Dizia preocupado:
— Quem me roubou a maçã?

«Eu pu-la em cima da mesa
«Atrás da cesta do pão.
«¿ Aqui não entrou ninguém?
— Ninguém. Só tu, meu irmão.

— Mas então ¿ como diabo
Saíu ela do lugar?
Por mais que pense e repense
Não no posso adivinhar.

E enquanto assim discorriam,
João, cavalgando um pau,
Ia ao encontro da mãe.
— ¿ D'onde é que vens, grande mau?



O tio Luís falando com sua irmã...

— De casa do avôzinho.
— ¿ Como está êle? — Não sei.
Ainda não estava lá,
Por isso não perguntei.

A mãe, de bilha á cabeça,
Foi seguindo o seu caminho.
Berta dizia ao irmão:
— ;Emprestas-me o cavalinho ?

— Não, que êle é muito fogôso,
Só gosta de galopar.
Tu és pequena, não sabes
O modo de o governar.

— Empresta, empresta um instante.
— Já te disse que não posso.
— Dou-te a minha bonequinha.
— Pois bem : o cavalo é nosso.

Berta, pegando no tronco
Reparou-lhe na algibeira.
— ;O que levas tu no bôlso ?
— E's curiosa e linguareira.

« ;Que tens que vêr nos meus bolsos ?
— ;Então não sou tua irmã ?
— E's, sim, mas não é razão
Para te dar a maçã.

— ;Pois tu tens uma maçã !
Dize, maninho, ; quem deu ?
— Quem a tinha. Não te importe.
— Se a achaste, alguém a perdeu.

Pôs-se o João a pensar
Enquanto a irmã cavalgava:
Se tinha a maçã na mão
Alguém sem ela ficava.

Volta a casa do avô
E diz-lhe com emoção:
— Isto de ter consciência
Não é muito bom, ¿ pois não?

Riu-se o Luís pescador
E respondeu-lhe: — ¿ A que vem
Que tu perguntes se é mal
O que p'ra todos é bem?

— E' que eu, tirando a maçã,
Quis, mas não pude come-la,
Porque pensei que era sua
E não tornaria a vê-la.

Então o avô pediu-lhe:
— Entrega o que me tiraste,
Pois não deve aproveitar-te
Aquilo que me roubaste.

João, muito envergonhado,
Volveu-lhe em tom comovido:
— Diz muito bem, meu avô,
E fico-lhe agradecido



A mãe, de bilha á cabeça...

«Por me não ter castigado.»
E saiu sem se voltar.
No dia seguinte teve
Um bom presente ao jantar :

Um cestinho muito lindo
P'ra êle e p'ra sua irmã,
Trazendo entre a demais fruta
A cobiçada maçã.

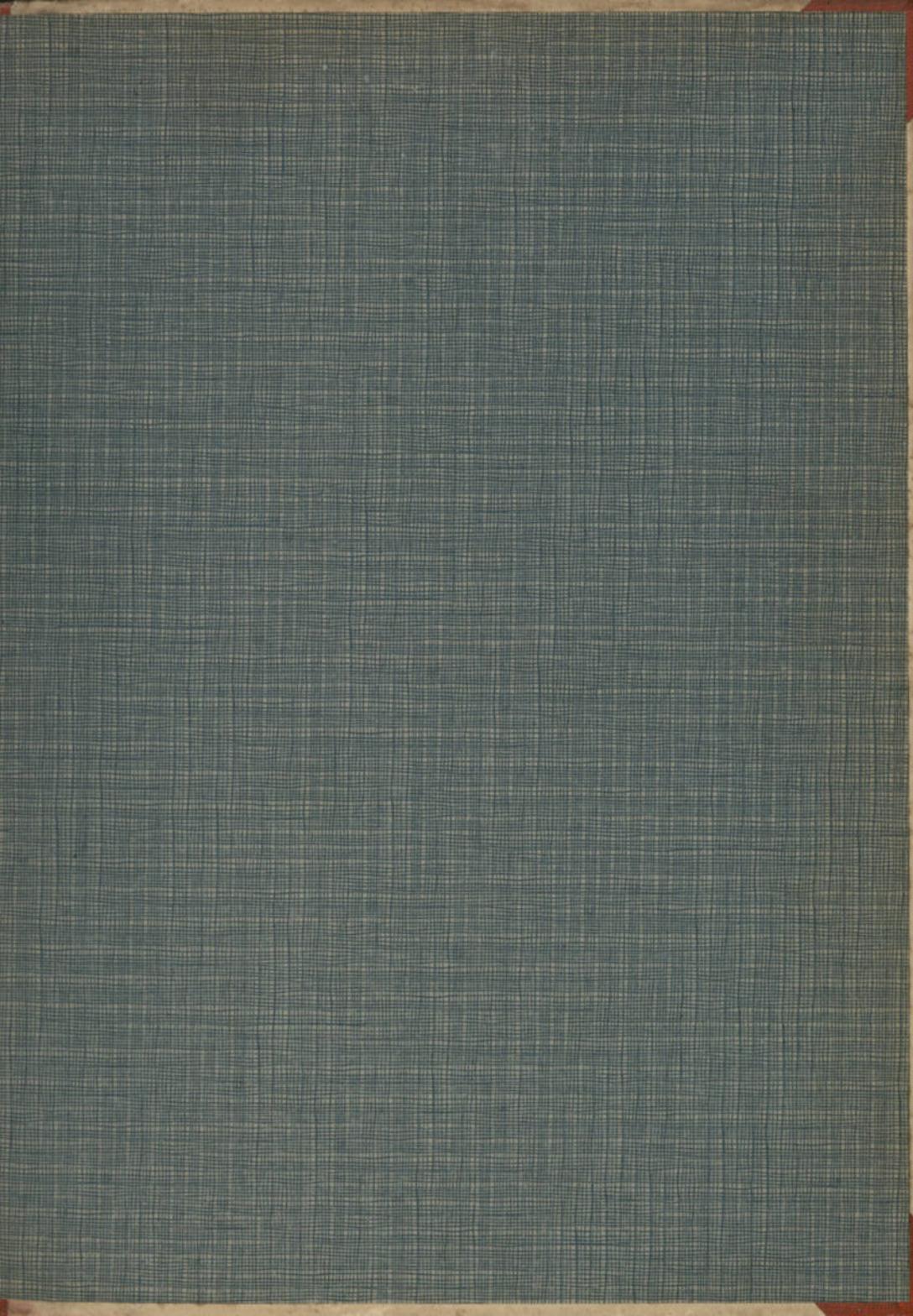
O João, muito contente,
Contou tudo á bôa mãe,
Que ficou muito vaidosa
Do filho proceder bem.

FIM

ÍNDICE

	PAG.
A desobediente	5
A piteira	27
O mundo é cheio de ingratos!	33
Um banho inesperado	39
O dicionário	45
Adalberto	55
Noite de sobresalto	63
O rato de D. Matias	73
A viuva do felá	81
Dignidade dum pobre	91
Caipira	103
A baroneza de Altas Sebes	109
Os netos do pescador	121





PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

Outros livros para creanças, editados por esta casa,
com bonitas encadernações em percaline

As mães e as filhas, por Cafel	700
A Chave da Sciencia, por Brewer e Moigno; nova tradução muito desenvolvida e ampliada, 3 vols. illustrados com muitas gravuras	6,5000
Contos da avózinha, por J. Q. Travassos Lopes, 3 vols. illustrados	1,5080
Contos, de Pedro Ivo	300
Contos, de Trueba	500
Contos do tio Joaquim	300
Contos e phantasias, por Maria Amalia Vaz de Carvalho	800
Contos para a infancia, por Guerra Junqueiro, 5.ª edição illustrada com chromos	600
Descoberta da India, por Pinheiro Chagas, illustrado	1,4000
A filha do João do Outeiro, romance por Cafel, illustrado	900
Historias, por Gyp, illustrado	700
Historias de animaes, sua vida, costumes e anedotas, por Travassos Lopes, 3 vols. illustrados	1,5200
Ditosa patria minha amada, por J. T. da Silva Bastos, edição illustrada	600
Primeiras leituras, por Cafel, illustrado	600
Leituras correntes e intuitivas (conhecimentos uteis), por Travassos Lopes, 2 vols. illustrados	720
Leituras populares instrutivas e moraes, por Brito Aranha, illustrado	200
Maravilhas da creação, ou historia e descripção illustrada dos animaes, 3 vols. com mais de 500 gravuras	8,0000
Revista branca, dedicada ás creanças	700
Horas de folga, contos por Maria O'Neill, illustrados, cart.	300
Recreações infantis, contos por Maria O'Neill, illustrados, cart.	300